

L. 13736<sup>3</sup>





BERNARD FRANÇO DE OLIVEIRA  
*Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa*

25/10/62

COMPRA

# BIOGRAFIA

DO

ACTOR BRASILEIRO

R. e. 17461

## GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA,

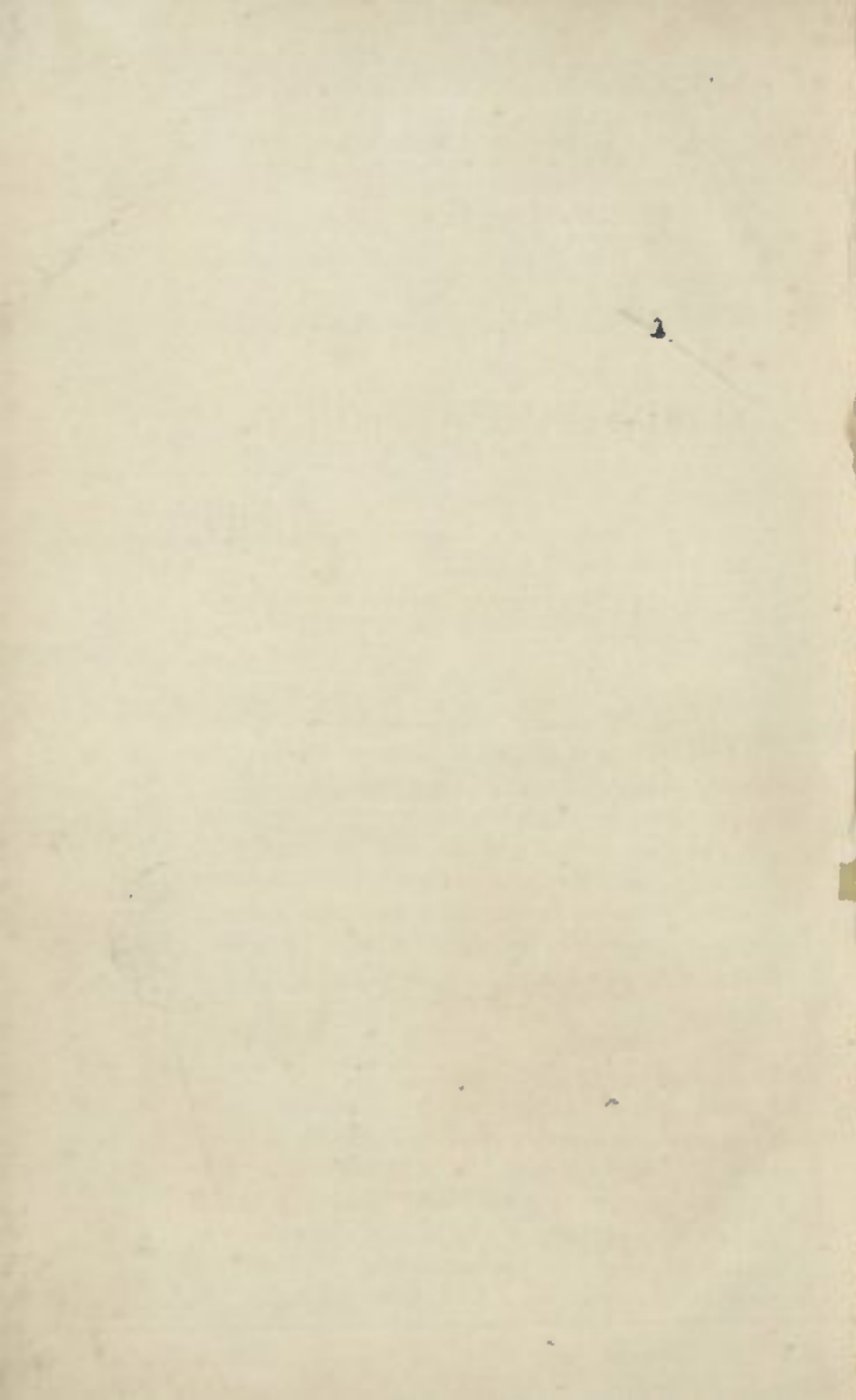
CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA E MEMBRO  
DOS CONSERVATORIOS DRAMATICOS DO RIO  
DE JANEIRO E PERNAMBUCO.



**SAN'LUIZ:**

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 1 A.  
Impresso por B. de Mattos.

1962.



## GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA.



Este artista, um dos mais aptos e talentosos da scena brasileira, nasceu, em 28 de Maio de 1820—na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e foi baptisado na antiga Sé—hoje capella do Rosario.

Colocado regularmente no Seminario de São Joaquina onde adquirio os primeiros elementos litterarios, teve de interromper temporariamente seu curso de humanidades, em consequencia do passamento de seu pae, Germano Francisco de Oliveira. Iniciados de novo seus estudos preparatorios—pela insistencia de suas juvenis aspirações e tendo apenas 11 annos de idade, sua mãe D. Anna Rosa de Jesus passou em breve a segundas nupcias.

Homeia severo de genio, violento de caracter e professando principios oppostos aos que levaram seu pae a querer dotal-o com uma educação litteraria, seu padrasto, que tinha predilecção pelos officios mecanicos, porque achava n'elles garantias de subsistencia, que não via nas lettras e nas artes liberaes, arrancou-o violentamente ao

estudo para applical-o d'esde logo ao apprendizado de um officio.

Sentindo-se com absoluta negação para o mister a que o destinára a prepotencia de seo padraſto, e não podendo mais vencer sua repognancia, o joven Germano desertou em poucos dias da officina de marceneiro em que fôra filiado, aproveitando-se asadamente do movimento revolucionario de 1831, que deo em ultimo resultado a abdicacão do primeiro Imperador. Reunindo-se ás tropas agglomeradas no campo de Sant'Anna propunha-se elle abraçar a carreira das armas, mas ultimando-se de chofre os acontecimentos, sua pouca idade servio-lhe de estorvo e teve de sujeitar-se a ser reconduzido á officina, depois de severamente castigado pelo seu tyranno domestico.

Não tardou porem em renovar a tentativa de opção pela carreira militar, mas fazendo-o sempre por si e sem ser secundado de apoio algum efficaç, teve o desgosto de colher o mesmo resultado negativo, custando-lhe d'esta vez a poeril fngida uma punição mais rigorosa. Sua reconducção á officina teve então logar com todo o apparatus de uma condemnação formal, pois levava adaptado á perna um argolão de ferro do qual se desprendia uma grossa corrente, — acto de barbaridade que anedrontou passageiramente o menino rebelde.

Como sõe acontecer em circumstancias identicas achou em seo generoso mestre a benevolencia que lhe negava seo mentor natural. Esse artifice proveyto, severo de character mas humano de sentimentos, contemporisou com sua repugnancia e á final protestou contra tão desusado despotismo e declarou que não concorreria para que fossem por tal modo violentadas as inclinações do menino confiado a seo ensino professional. A energia d'este procedimento do velho marceneiro esclareceo talvez o espirito do tenaz padraſto, e poz fim a sua desasísada insistencia.

Foi por esta epocha e á sombra da tregoa de rigor do-

mestico que começaram de realizar-se suas tendencias para o theatro, que se tornou o alvo de seus desejos e o centro de suas ambições. Seu gosto e vocação denunciavam-se a cada momento, e era seu entretenimento favorito a recitação de versos de differentes authores que retinha a favor de uma memoria felicissima e a declamação de trechos de diversos dramas a cujos ensaios assistia frequentemente illos haustidores do antigo theatro de São João, hoje de São Pedro d'Alcantara.

Pouco tempo depois d'este tirocinio furtivo, sentio-se tomado da ehridade que em certas organisações produz aquelle ambiente particular que se respira no palco, e sem saber nem querer resistir á voluptuosa e inebriante seducção que alluciuava seu espirito, interessando-lhe o coração, começou um tirocinio regular fazendo a principio papeis de dama em theatros particulares. D'esde este momento já não foi possível contrariar seu destino.

Animado, applaudido, festejado em tenra idade, a impulsão foi mais forte do que elle, e em menos de dous annos, isto é, em 1833, fez a sua apparição em um theatro publico, e o simples factio independente de qualquer manifestação de acoroçoamento bastou para firmar difinitivamente sua carreira futura.

A primeira companhia dramatica regular que veio por esse tempo ao Rio de Janeiro, composta dos excellentes artistas João Evangelista, José Jacob, Ludovina Soares e outros, havia-se estabelecido n'um pequeno theatro na rua dos Arcos. Foi ali que teve logar a sua estrêa e o lisongeiro acolhimento pela aptidão e vocação que d'esde então revelou.

Joven e ardente, buscando applausos em toda a parte e a animação de todos os circuitos de espectadores, passou do theatro dos Arcos para o da antiga rua do Valongo, depois para o de São Pedro, e afinal para o do bairro de D. Manoel, hoje theatro de S. Januario. Em 1839 achava-se elle de novo

no theatro de São Pedro quando o actor João Caetano dos Santos foi despedido pela direcção. Chamado então para substituí-lo na parte de Samuel dos—*Dois Renegados*—de Mendes Leal, drama que tinha ido á scena uma unica vez com grande exito, julgou Germano chegado o momento de externar tudo quanto sentia dentro em si de talento, de ambições e de genio.

Dura provação lhe estava reservada para a execução d'essa parte de sua predilecção ! Joven, inexperto, e artista novêl, nunca teria podido imaginar a que ponto pode subir em seu desvairamento o ciume, a rivalidade de carreira.

Seu estudo aturado e consciencioso, a santidade de suas aspirações, as desinteressadas lições dos homens de letras, e seus esforços coroados de applausos em oito annos de estudo, que tantos louros lhe promettião para aquella noite fatal, tudo, tudo se esvaeceo ante a previa e tumultuosa manifestação de reprovação que lhe fóra preparada por um numerozo grupo de parciaes do actor despedido!

A compensação, porem, não se fez esperar, a reacção veio bem cedo; e com applausos espontaneos e repetidos os tumultuosos da vespera attestaram seu arrependimento no dia seguinte. Esse facto desagralavel foi a sua sagração artistica, o primeiro passo firme dado para o templo das artes, que lhe abria as portas.

Depois d'este custoso triumpho o artista imberbe marchou desasombrado na senda que um dia se lhe tornára difficil, caminhou de frente erguida direito ao alvo que sustinera sua imaginação árdida e que um momento lhe amaguraram o ciume desvairado e a malevolencia servil.

Justamente aquilatado o seu merecimento e sempre animados seus esforços e coroados de applausos seus progressos, o joven esperançoso tornou-se em breve um artista proecto, tanto quanto era possivel n'essa epocha em que o talento permanecia entregue aos proprios vãos—na



ausencia de escolas regulares e desacompanhado da salutar correcção da critica.

Com 24 annos apenas sentia elle que a condição precaria e acanhada de artista contractado comprimia seu genio e apoucava suas aspirações. Queria palmas e triumphos de outros circulos, queria dilatar o horisonte de sua reputação e colher novos louros que fartassem suas ambições.

Essas idéas levaram-n'o a organizar uma pequena companhia composta em geral de aspirantes e neophitos da vespera, e escolheu para estréa d'esta nova phase de sua carreira a cidade de São Salvador de Campos, que n'essa occasião tinha de ser visitada por S. Magestade Imperial.

Durante sua permanencia n'aquella cidade deo uma serie de espectaculos que mereceram a approvação do Imperial visitante e o applauso do publico em geral.

Desse novo nucleo artistico data o apparecimento de alguns artistas, discipulos de Germano, que hoje se mostram com vantagem nos diversos theatros do Imperio; resultado que por inepecia ou má vontade nunca pôde ou soube colher seu vanioso rival a despeito dos recursos de todo genero e da immerecida protecção que teve sempre.

Entre os que mais de distinguiram n'essa primeira turma reunida por Germano, figuram em primeira linha o Sr. Henrique José da Costa que se acha actualmente no theatro de São Paulo, e o Sr. Domingos de Sousa Martins que dirige o theatro da cidade de Santos.

Convidado depois pela direcção do theatro de São Pedro, voltou a figurar na companhia ali organizada, e n'ella conservou-se como primeiro actor até 1848.

A independencia de seu character, a sua actividade nativa, seu ardente desejo de emancipação artistica, e a necessidade de movimento que lhe impunham suas ambições nunca saciadas de reputação e gloria aconselharam-no a não renovação do contrato.

Confiante em si, como todo aquelle que se sente capaz de alguma coisa e com crenças vivas e claras sobre seu destino e a difficil arte que abraçara, deixou a Côrte e partio para a provincia da Bahia, onle foi para logo encarregado de reformar o theatro de São João, então dirigido por conta do governo. Teve alli a fortuna de faser proselytos e dar desenvolvimento e realce a arte dramatica em sensivel decadencia, usando apenas dos proprios recursos adquiridos com o favor do publico. E esse favor achiava sempre uma justificação condigna em mais de uma ordem de idéas. Sua ambição mudava por vezes de alvo, sua dedicação nem sempre tinha sua individualidade artistica por objecto. Uma prova incontestavel den elle já por essa epocha fazendo sobresahir dous moços cuja vocação advinhára, e cuja aptidão guiou com tanto acérto que figuraram com distincção entre seus collegas mais adiantados. Silvestre Francisco Meira, e Raymundo José de Araujo são dois discipulos que attestam a sinceridade com que Germano abraçava sua missão, e a profiquidade de sua aptidão professional.

O feliz exito de seus esforços n'essa epocha, e os louros ridentes que coroavam suas creações e tentativas, despertaram no actor João Caetano sempre cheio de si e sempre cioso até ao delirio, o desejo de ir á Bahhia disputar á seu rival os triumphos a que elle só julgava ter direito.

Não era o presumptuoso João Caetano dos Santos homem capaz ile conter-se quando guiava seus passos á vaidade, movel constante de todas as suas acções e fonte inexaurivel de seus erros e desvios; e pois apresentou-se ufano e confiante na capital da provincia da Bahia.

O publico bahiano, que via reunidos os dous artistas cujas habilitações, dotes e reputação os destacava notavelmente do grupo de todos os seus collegas de profissão, concebeo e manifestou o desejo de vel-os juntos em scena.

A realisação seguiu de perto a manifestação do desejo

goral, e os dous rivaes partilharam em quinhões ignaes os louros que lhes liberalisou o enthusiasmo sincero de um publico desprevenido.

Conscio de seo merecimento, Germano annuo aos desejos de João Caetano, que receioso da comparação, não quiz entrar em scena em uma peça onde ambos tivessem papeis de igual força.

O *Mouro de Veneca*, foi a peça escolhida, fazendo João Caetano o papel de Ottello, e Germano o de Loredano. O bisarro papel do mouro, tão bem interpretado por Germano, foi n'essa occasião dado a seo rival, desempenhando elle um papelzinho de enxerto, mas ao qual soube dar eliste, finura e elevação à ponto de serem ambos os artistas pela mesma forma applaudidos e admirados.

Depois seguiu-se a *Castro*, fazendo ainda Germano o papel de D. Affonso. Mão grado o ver-se deslocado, D. Affonso nada restou a D. Pedro.

Não devia porém durar longo tempo esta lisongeira situação, as parcialidades começavam de nascer, os grupos se destacavam, os partidos definiam-se, e as ovações parciaes e aquilansos acintosos em represalia de um e outro lado—seguros presagios de encarniçadas lutas—fazião presumir a reproducção dos desagradaveis successos de 1839, a renovação das scenas tumultuosas do theatro do Rio de Janeiro.

Germano, que se dedicára a arte pela arte, que a abraçara como missão de um neophyto e não como o mister de um mercenário, resolveo ceder o campo ao seo competidor para fugir ao desagrado dos tumultos, que seriam a consequencia inevitavel da situação creada pelo contacto dos dous émulos.

Retirou-se então para a cidade da Caxoeira, onde se conservou até fins do anno de 1850 ensinando a arte dramatica a alguns amadores em um pequeno theatro particular.

Sincero admirador do bello onde quer que o encontrasse,

em qualquer escalla, na natureza ou nas artes, occupava as horas que lhe deixavam vagas suas lições, no estudo e contemplação da natureza, e a não ser uma occupação litteraria, que emprehendeo por essa epocha, a seducção das sciencias naturaes teria levado de vencida o seo escandecido amor pelo theatro.

A placidez d'essa existencia tranquilla e doce e completamente estranha a seo espirito, diuturnamente habituado a actividade e ao movimento, impoz-lhe a necessidade do estudo de gabinete. O resultado d'essa applicação está consignado no *Archivo Theatral Cachoeirense* por elle publicado n'essa época com algumas de suas traducções.

Figuram entre ellas—*Maria Joanna, mulher do povo*;—*Marinheiro de São Tropez*;—*Justiça de Deos*;—*Huberto o feiticeiro* e outros, além de um elogio dramatico em verso de sua composição, sob o título—*Gloria da Cachoeira*, representado pelos seus alumnos, para festejar o anniversario da Independencia.

Sua actividade ia além. Cuidando sempre na versão de outros dramas e na composição de pequenas comedias originaes, deo algum tempo ao estudo serio da medicina de Hahnemann, que o deixara impressionado por uma cura de que elle fôra o objecto, e, ingenuamente entusiasmado pelo novo systema, de sua dedicação ao estudo passou natural e singelamente a applicação com tão feliz exito que colheo proveito moral e positivo durante algum tempo que elinicoa levado pelas instancias dos que conheciam o bom exito de suas applicações.

Não era porém nada d'isso o que satisfazia sua natureza ardente e apaixonada; outro era seo destino; e a reacção veio bem cedo porque necessariamente devia vir. Arredado do centro de acção de sua existencia, longe por assim dizer de sua patria—o Theatro—a quietação d'aquelle remanso tornava-o nostalgico, a melancolia apossava-se d'elle, a saudade ganhava-o de dia em dia apesar de seus en-

tretenimentos litterarios e de suas aspirações scientificas.

A cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco, abria-lhe os braços e o esperava com um bello theatro recentemente acabado. Deixou pois a cidade da Cachoeira em 1850, e foi apresentar-se ao Marquez de Paraná que presidia aquella provincia.

Acoltida com benevolencia e consideração por esse estadista—em presença de um deputado pela provincia á Assembléa Geral, Germano ganhou definitivamente com uma simples resposta a boa vontade e o favor do Presidente.

Com cioso espirito de bairrismo o deputado pernambucano que assistia á combinação do Presidente com o artista, interveio no assumpto, e perguntou bruscamente a Germano—em que titulos se fundava sna aspiração e quaes as garantias que dava ao governo provincial para que lhe fosse incumbida empreza de tamanha monta e entregue um theatro cuja edificação custára tão avultada somma—«Minha reputação artistica, respondeo Germano, com nobre altivez, é o unico titulo com que se escudam minhas aspirações, e a inteireza do meo character a unica garantia que posso dar ao governo;—confiança em mim e fé no futuro são tamhem os unicos elementos de que disponho.»

Estas palavras proferidas com o tom da verdade callaram profundamente no animo do Marquez e mudaram em decidido favor a benevolencia que esse severo administrador sentia pelo artista, que conhecia havia já muito tempo.

Os funebres e nunca assás lamentados acontecimentos de 1848, que colhiram de luto tantas familias, reclamavam alguma diversão poderosa e tenaz, que desviasse a diuturna tendencia dos espiritos e rarifizesse a densa nuvem de tristeza e de dôr que pesava sobre a misera cidade, que fôra victima dos cruellissimos massacres de 2 de Fevereiro.

A abertura do theatro de Santa Izabel sob a direcção de um artista tão sympathico veio realisar esse beneficio pu-

blico. Era o primeiro desafogo d'esses corações tão longo tempo comprimidos, foi a primeira irradiação de sentimentos não repassados de amargura, foi o primeiro expandir-se do sorriso de consolação e esperança. Data de 18 de Maio de 1850 essa nova e brilhante phase do theatro de S. Isabel inaugurada com o drama—*O Pagem d'Aljubarrotu*—de Mendes Leal Junior.

Foi uma epocha memoravel para o theatro de Santa Isabel. O artista empresario assumio o character de empregado publico com o titulo de Administrador, lugar creado pela assemblea provincial, e Germano duplicou sens esforços para retribuir essa confiança e justificar a distincção.

Respondendo com desinteresse e sollicitude ás affeições e prestigio que o cercavam, montou o theatro com decorações variadas e custosas, fez-lhe um esplendido guarda roupa, e formou-lhe um magifico archivo.

Nunca assás contente com suas manifestações de reconhecimento, contratou e sustentou uma companhia de opera italiana e um corpo de baile sem ser a isso obrigado pelas condições de seu contrato.

Ao terminar a sua empresa que elle soube tornar por esse modo satisfactoria e brilhante, fez publicar um relatório de sua administração com os detalhes da receita e despesa, exemplo novo e sem imitadores entre os empresarios theatraes, mas que não ficou esteril para elle, pois as manifestações de benevolencia do publico e do governo nunca se fazião esperar quando as elle provocava tão dignamente.

Nesse mesmo anno foi Germano condecorado por S. Magestade Imperial com o habito da Imperial ordem da Rosa, honrosa e rara distincção que até hoje não teve nem um outro collega seu.

Terminado, com manifesta aprovação geral, os trabalhos do primeiro anno de empresa, renovou o seu contracto por mais um anno com satisfação do governo, do publico e dos



artistas das tres companhias que dirigia; e como o fim de melhorar seu corpo artistico—com a aquisição de novas figuras voltou então ao Rio de Janeiro depois de quatro annos de ausencia.

Foi encontrar alli no pequeno theatro de S. Francisco, hoje Gymnasio, o actor Florindo Joaquim da Silva que se achava no ponto de abandonar sua acanhada empresa por que os embaraços e difficuldades que encontrava davam á continuação d'ella o character de uma luta contra o impossivel.

A chegada de Germano foi-lhe porém um presente da Providencia. Sempre philantropo e generoso não esperou elle por instantes sollicitações de seo collega, e desde logo poz em contribuição para ajudal-o, seo talento, seo prestigio, e a benevolencia do publico fluminense, que cujo centro contava innumeraveis favorecedores e admiradores entusiastas.

Em tres representações em que tomou parte, o Sr. Florindo adquirio convencimento de que o valiosissimo e desinteressado auxilio de seo collega viera salvá-o dos apuros economicos a que tinha chegado.

E' sempre grato ao espirito recordar factos d'esta natureza que honram tanto ao individuo como a humanidade, e essa satisfação cresce quando se considera que o desinteresse raro chega ao ponto a que o levou Germano, que sem nada perceber do producto de seo trabalho, fez á sua custa todo o vestuario de que houve mister para os *Dois Renegados e Graça de Deos*.

Salvo de difficuldades o seo collega e ultimado o negocio que o levára á corte, regressou a Pernambuco, e levou pacificamente ao cabo sua segunda empresa, sempre animado pelo favor do publico, sempre a contento do governo provincial, sempre coroado de applausos.

N'esta segunda época de sua administração o acaso fez-lhe deparar, como uma compensação providencial, com

uma joven estreante que acabava de fazer suas primeiras provas no theatro de São Pedro do Sul. Foi uma garantia de futuro para a empresa, um achado preciosissimo para o artista, uma revelação para a arte.

Joven, bella, e graciosa, intelligencia rigorosa, e espirito vivaz, coração moldado para as grandes paixões, alma dotada de rara sensibilidade, D. Manoela Lucci amava o theatro até ao delirio, por instinto, por inclinação nativa, por imposição do destino.

A contemplação silenciosa e mystica das platéas era-lhe uma seducção poderosa que enchia seo coração infantil de innocente orgulho, dando-lhe a consciencia intima de sua sagrada missão; o estrepitar dos applausos enebriava-lhe o espirito e vulcanisava sua imaginação que começava de despertar para o bello; as corôas e as grinaldas eram um balsamo suavissimo para sua alma inspirada—então em toda a pureza e castidade de suas aspirações indecifráveis—e as flores desfolhadas, esparsas no ambiente do paleo e por sobre sua cabeça laureada em extasis, a arrebatavam para o mundo das illusões e dos sonhos, com um sorriso exultante e languido á errar-lhe nos labios febricitantes, apenas descerrados.

Assim quasi caprixosamente feita pela natureza para o theatro e nas mãos de um missionario como Germano, a joven inspirada devia tornar-se facilmente uma artista de elevado merecimento, e assim foi.

Rico de acrysolada fé na sua missão e reverdecidas esperanças de porvir, não se sentindo mais isolado na senda semeada de espinhos que trilhava, desacompanhado até ali, cedeo de novo á sua tendencia favorita e fez viagem para a provincia do Maranhão. Ufano e descuidoso deslembrava o passado com suas lutas, as recordações com suas glorias, o mundo e suas antitheses, para ceder á impulsão extranha que o impellia. Outros horisontes visava entre sonhos, sentindo-se de chofre mais do que era até



então, melhor do que antes tinha sido: guiava pela mão a debil sacerdotisa que a providencia lhe fizera achiar em seo caminho.

Ao passar pela capital do Ceará, a direcção de uma sociedade dramatica particular conseguiu retel-o por 15 dias, para o tornar alvo da sollicitude e applausos de uma população, que de ha muito desejava vel-o. Foi mais uma grinalda para sua corôa artistica, e novas emoções para seo coração insaciavel.

Seguiu então para a cidade de S. Luiz do Maranhão onde o esperavam demonstraões de inequivoco regosijo.

Recebeo ali por empresa da administração provincial, o theatro de S. Luiz, e durante dois annos dirigio com exito igual ao que obtivera em Pernambuco; dilatando o circulo dos artistas, distinguindo-se entre os outros os Srs. Silvestre e Raymundo, e muito notavelmente e rica perola que encontrára—D. Manoela Lucci.

O publico do Maranhão, exigente, e de um gosto apurado, não foi todavia escasso na manifestação de seo apreço para com o artista que se apresentava tão brilhantemente ante elle.

E' que as magestosas figuras de *Frei Luiz de Sousa*; *Antonio José*; *Luiz de Camões* e outras, appareciam deslumbradoras e em plena vitalidade sobre o palco.

Com tino administrativo e tendencias economicas, sobrio e moderado sempre; mais homem de lar do que aventureiro libertino, previdente, judicioso e pensador, Germano, (que n'este ponto é uma excepção entre seus companheiros) gastando o necessario sem expor-se a privações e guardando do superfluo, conseguiu faser um penho que o habilitou a realisar por essa epocha o seu mais querido sonho de turista, uma viagem à Europa.

Visitar as grandes capitães, admirar a arte em toilas as suas manifestaões n'esses pontos que a civilisação tornou o centro de tudo quanto ha de bello e de grande, era

para elle mais do que um sonho, quasi uma necessidade; mais do que uma fantasia, quasi uma consolação.

E pois habilitado como se achava para realisar o seu grato designio, não quiz continuar com a empresa. Preparou-se e seguiu viagem.

No lapso de alguns meses, visitou as principaes capitães do velho mundo, e os mais importantes estabelecimentos dos diversos paizes. França, Inglaterra, Alemanha e Portugal absorveram-lhe antes de muito tempo os recursos obrigando-o a regressar à patria.

Fel-o, mas não sem grande aproveitamento tanto para seu espirito como para sua profissão. Vio e estudou os diferentes theatros e os melhores artistas, familiarisou-se com as tres escholas, classica, romantica e realista, do que deu em sua passagem por Lisboa uma prova lisongeira para elle.

Não foram poucas as difficuldades que teve de vencer para que se abrissem as portas dos theatros portuguezes. Sua qualidade de brasileiro, foi-lhe, entre outras, um estorvo, pela prevenção de que a modificação americana da linguagem desagradaria ao publico portuguez.

Era então ministro do reino em Portugal—Rodrigo da Fonseca, que sabendo da reputação hem merecida que na sua terra gosava o artista brasileiro, disse-lhe que não desejava vel-o baquear na scena portugueza, porque se elle fosse um aventureiro, nada inportaria; mas artista de nome como era, levaria um grande cheque, se pela ventura naufragasse fóra de seo paiz; voltaria desmoralisado.

Assim mandou o ministro uma commissão composta de homens de letras, entre os quaes se achava Mendes Leal, para que assistissem o ensaio geral e dessem o seo parecer sobre o artista.

Na noite do ensaio geral, Germano recebeu as mais sollemnes manifestações de apreço dos litteratos membros da commissão, e foi por elles animado para fazer a representação.

Ouvindo, examinado por juizes competentes, por entidades da administração suprema, afinal conseguiu representar nos dous theatros *D. Maria e Gymnasio*; uma comedia de costumes o *Duque de Roquelaure* no segundo, e um drama de força—*A Gargalhada* no primeiro, não tirando para si de nenhuma d'essas recitas o menor lucro material. Os beneficios foram para as respectivas empresas e para os pobres.

Para elle bastou-lhe a compensação que achou no acolhimento benevolo, nos elogios dos homens de letras e publicamente da imprensa e das platéas.

Como actor e como individuo o publico de Lisboa e as pessoas que com elle se relacionaram, consideram-no sobrejamente para seu amor proprio de artista, e justamente em relação a seu merecimento individual.

Sem altaneria, sem orgulho ouviu as observações e conselhos dos criticos, que assistiam as suas provas, e sem sacrificar uma só de suas crenças, sem abandonar nenhum de seus principios em ponto de arte, soube agradar ao publico portuguez e deixou em Lisboa sinceras e valiosas sympathias cuja recordação lhe é e será sempre grata.

O Sr. José da Silva Mendes Leal Junior apreciando devidamente os meritos do artista e do homem, pela imprensa aquilatou-os a ponto de nada mais precisar para que a frente do nosso biographado fosse ornada de virente corôa que immortalisará seu nome. E' aquelle Sr. bem conhecido para que um elogio seu forme a reputação de qualquer artista. Folgamos de transcrever aqui as expressões do Sr. Mendes Leal Junior.

UM ARTISTA BRASILEIRO NO THEATRO NORMAL.—PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DA — GARGALHADA — DRAMA EM TRES ACTOS POR ARAGO.

«Apezar da noite tempestuosa e negra,—uma dessas noites dos climas meridionaes, em que os tufões do sueste

parecem querer vingar-se por sua vez dos longos dias de um firmamento sem nuvens, puro e diaphano, como se o manto azul da Virgem Celeste servisse de toldo a regiões abençoadas, e em vez de encobrir, revelasse aos homens a presença de Deos, —apezar da noite inclemente de quinta-feira, uma platea escolhida e numerosa esperava com ansiedade no theatro de Maria II a apparição do actor brasileiro, o Sr. Germano Francisco d'Oliveira, cuja estréa no drama *a Gargalhada*, estava annunciada.

«Como é de suppor, cada qual fazia os seus commentarios; este desejando ver realisadas no actor as qualidades que preferia; aquelle duvidando da possibilidade de tal realisação, sem saber bem porque. Todo o incognito abre margem ás conjecturas.

«Afinal levantou-se o panno, e começou a peça. As supposições impacientes cederam o lugar á ebriosidade vivamente excitada.

«O drama *a Gargalhada*, seja dito com a devila venia a um tumulto recente e illustre, —o drama *a Gargalhada* vale pouco. Valia muito mais o seu autor que saudamos na sua passagem por esta capital, quando se encaminhava ás praias brasilicas, julgando-as só do exilio sem presentir nellas a morte, e que nos deixou, passando um testemunho inapreciavel da sua honrosa estima convertida hoje em monumento de saudade ao viajante cosmopolita, a quem Deos compenso a luz dos olhos com o fulgor do entendimento e a claridade do espirito.

«A idéa fundamental da peça, apezar de commum, daria de si felizes contrastes e lances variados, se os caracteres, excepto o do protagonista no terceiro acto, não fossem apenas contornados n'um esboçeto de perfil. Ha alli a base de um drama; mas não se póde dizer que o drama salisse, vivo e feito, robusto e viril das mãos do seu creator. É um quadro para um homem, e creinos que não foi ontra a intenção do autor. A fortuna que o tem sustentado nos

theatros do imperio nas mãos de dons artistas rivaes e ambos altamente nomeados, confirma esta idéa, corroborada ainda na quinta-feira no theatro normal. O merito vem mais da execução do que da concepção.

«Todavia, mesmo para o protagonista, os dons primeiros actos são frouxos e pouco favoraveis. As mesmas pueripicias que preparam o lance capital não lem o vigor, o relevo, a altura e a energia que poderiam ter asim de predispor os espectadores a encarar o dramatico vulto que no ultimo acto se revela. Querer-se-hia tornar mais inesperado o contraste, desvendando-o subito? E' natural. No theatro, porem, é preciso extremo cuidado com esses sobressaltos que só um grande tacto artistico salva e illustra.

«O actor, novo para nós, lutava com uma das mais difficuldades que podem tolher os dotes naturaes. O drama que trouxera, escolhera, e apresentara, fóra totalmente reformado da versão primitiva, versão mesclada e barbara que nem o conselho dramatico autorisava, nem o bom gosto das platéas tolerava de certo até ao meio. O resultado desta correção geral, que levava consigo todas as locuções vicinias e anti-grammaticaes da copia apresentada, foi subsistirem as idéas n'um molde e forma diversissima. D'ahi resultava necessariamente um singular timbre. O pensamento familiar, avivando reminiscencias, e fazendo resurgir a phrase, mal apagada e ainda gravada fundo pelo habito no espirito, levanta-a em conflicto com a nova phrase, recommendada á memoria por um estudo fresco. Nesta situação ardua os esforços do engenho, que, livres se applicariam exclusivamente a execução do todo, tinham de repartir-se continuamente preoccupando-se com as minucias da locução.

«Apesar desta difficuldade terrivel, apesar de estranho ao nosso publico, apesar da commoção de uma estrêta, apesar de ter trasido consigo um pezo de uma grande reputação, que não poucas vezes aggrava as provas e faz succum-

bir os mais audazes e confiosos, o Sr. Germano sahio victorioso desses multiplices obstaculos, justificou o seu nome, e conquistou de chofre um lugar distincto nos annaes da arte portugueza.

«É difficil passar assim das regiões do ignoto ao clarão da maxima publicidade, e esta rapida transicção é cheia de perigos, mas o Sr. Germano galgou n'um salto: e, o que é mais, mereceu a palma colhida; o seu nome era ainda hontem escollado de uma duvida curiosa hoje é acompanhado de uma justa gloria.

«Nos dons primeiros actos, em despeito mesmo do pouco movimento delles, os expectadores intelligentes descobriam logo no Sr. Germano o artista verdadeiro, habituado a pisar firme o tablado, a sondar os segredos da sua difficilissima arte, e a traduzir com propriedade e energia todos os sentimentos do coração. Lamentava-se unicamente que não tivesse escollido um quadro mais vasto para desfogar o seu notavel talento, comprimmto alli naquella estreiteza de scenas. O olhar vivido e a dicção facil e correctea, a acção cuidadosamente calculada, e a intelligente divisão do periodo, difficuldade de exposicção em que naufragam muitos artistas aliás profusamente dotados pela natureza, manifestaram desde logo nos praticos e entendidos que o Sr. Germano, não só estava ao nivel da sua fama no imperio, mas ganharia legitimos louros na primeira scena da capital, habituada a outros triumphos. A curiosidade e a attenção cresciam com estes estimulos e todos esperavam a verdadeira scena dramatica da pega para julgar o artista.

«O final do segundo acto foi uma commoção unanime. Aquella gargalhada stridente, pavorosa, mais terrivel que todas as convulsões do choro, annuncio inesperado de uma alienação repentina, e todavia preparada pelo actor com arte esmerada, fez estremecer uma fibra intima no coração de todos os espectadores. Era um rir mais que humano; era um rir que doía um desafio as lagrimas. Ficava uma sensação oppressiva.



«Dizem pessoas que tem habitado o Rio de Janeiro, que o terceiro acto desta peça é o triumpho mais brilhante do celebre actor João Caetano dos Santos de quem o Sr. Germano é competidor no Brasil. Não sabemos como elle terá caracterisado esse desvario pungente, que dilacerando a alma, a força a romper em lagrimas, em palmas e bravos. Duidamos porém de que o possa fazer com mais propriedade, com mais vehemencia, com mais tragica expressão do que o faz o Sr. Germano. Fará muito se fizer tanto.

«Não seria facil ver um olhar desvairado com mais verdade, nem mais sombria e phantastica poesia n'uma alienação pathetica. Os ultimos periodos do terceiro acto, pelo Sr. Germano, se pode notar-se-lhe alguma cousa, é estarem acima do pobre caixeiro André. Conhece-se que mais altas aspirações chamam o artista. O trajo civil contemporaneo desdiz quasi naquella expressão solemne, digna de tragedia. Ir-lhe-lia melhor a toga e a chlamyde, o arnez e a garnacha. A alma do actor não cabe na figura vulgar do alienado, que apenas tem um lampejo ephemero, uma scintillação passageira de sentimento e de drama. E' Hamlet, é Othelo, é o rei Lear que lhe convém; é a paixão com os seus furores, a tempestade com os seus risos, a fatalidade como seu stigma, é Hernani, é Didier, é Ruy Blas. André deixa apenas alivinhar o artista brasileiro: um grande vulto completaria o grande actor.

«O publico foi sensato e foi justo. No terceiro acto o applauso tomou o character de enthusiasmo. Repetidas explosões de bravos e palmas acolheram os principaes effeitos, e no final, a platèa unanime, victoriou especialmente o actor hospede. distincção raramente concedida entre nós, como para honrar o seu merito e dar-lhe não o baptismo, porque já o tinha competente, mas a confirmação de artista com o seu suffragio.

«Seria injustiça se nesta commmeração esquecessemos os actores nacionaes, cujo zelo, boa vontade e espirito de

fraternidade são dignos dos maiores elogios. No drama a *Gargalhada* todos os papeis se tornam secundarios em presença do de Amilrê. Esses papeis secundarios foram porém executados todos pelos primeiros actores do theatro normal que, para auxiliarem o seu collega, não hesitaram em ceder-lhe o passo, e com espontanea bisarria lhe prestaram o concursu cortex de talentos affeitos ao primeiro plano. É honrosa e digna esta abstenção n'um terreno, cheio de antagonismo; onde se sahê que as rivalidades e as competencias se armam de caprichos implacaveis. É um testemunho que se converte em gloria, tanto do actor estrangeiro, como dos seus collegas em arte. Ha nestas manifestações uma nobreza que attesta em cada uma consciencia do proprio valor, e substitue a emulação proficua às posturas ridiculas. Quem se abstem assim não desce, sohe. Damos sinceramente os parabens aos nossos actores por este procedimento, diagnostico de civilisação, que recommendando-nos lá fora, casinará os orgulhos pygmeus; damos-lhe sinceramente os emboras por esse procedimento, tanto como ao artista laureado pelo seu triumpho. E elles sabem que lh'o diz uma voz que nem lhes mente, nem adula ningnem.

«Consintam-nos duas palavras ácerca do actor que fez a sua estrêa. É para fallar do homem depois de ter fallado do artista.

«Dá elle ainda relevo maior aos seus dotes por uma rara modestia, qualidade pouco vulgar nos da sua profissão. Llano de modos, fino de trato, intelligente sem ostentação, investigador e estudioso sem se impor, o Sr. Germano realça os dons do seu engenho com as prendas da sua pessoa, e tem tanto jus à estima social como às corôas artisticas. O filho do Brasil honra a sua patria, e os filhos de Portugal souberam apreciar o filho do Brasil como homem, como artista, como irmão.»

MENDES LEAL JUNIOR.



Um artigo escripto por esta forma e assignado—*Mendes Leal*—é um monumento de gloria, por isso que o distincto litterato portuguez, artista de subido engenho, não se tornaria um *eloqueur* por honlomia; não baratearia elogios a quem elle conscienciosamente não achasse que os merecia. Entretanto não ficou só nisso a demonstração de apreço que Germano recebeu do autor dos *Homens de marmore*: Tendo elle acabado n'aquelles dias o bello drama—*Urgel de Camprodon*, dedicon-o a Germano, e na dedicatoria que abaixo se segue, vê-se mais um testemunho de muita consideração e confraternidade artistica.

A GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, EM SIGNAL DE VERDADEIRA AMIZADE, OFFERECENDO-LHE E DEDICANDO O DRAMA—URGEL DE CAMPRODON.

Accita, artista eximio, este tributo  
 Que vem do coração;  
 Se no valór é parco e diminuto,  
 E' grande na intenção.

Teus dotes conheci. O louro nobre  
 Que te enrama essa fronte,  
 Brotando em flor, de novas flores colure  
 O teu largo horizonte.

Honrou-te a França, conquistaste a gloria  
 Entre um povo de irmãos,  
 Artista, grave o affecto na memoria  
 O aperto desta mão.

Não posso dar-te mais. Se mais tivera  
 Mais quizera votar-te,  
 Mas basta a offerta quando nella impera  
 Fraternidade de arte.

Se alguma vez, no solo abençoado  
 Do teu vasto paiz,  
 Te occorrer do poeta improbo fado,  
 Recorda o que elle diz—

Longe ou perto, em boa ou má ventura,  
 Certo o amigo acharás,  
 Que não borda de falsa douradura  
 A lizonja fallaz.

Illustre és já, e crescerás na fama  
 Que o genio legitima:  
 Falla a amisade, e o teu nome aclama  
 Sincera a voz da estima.

Lisboa—Junho de 1856.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

Cesar de Lacerda, o autor da *Probidade*, pagou tambem o seo tributo de admiração aos talentos de Germano offerecendo-lhe o seo drama *Dous Mundos*, que hoje corre impresso trazendo como prefacio a seguinte carta dirigida pelo autor á Germano, carta que é uma homenagem rendida ao merecimento do grande actor brasileiro.

AO DISTINCTO ACTOR BRAZILEIRO O SR. GERMANO DE OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA EM TESTEMUNHO DE AMIZADE, CONSIDERAÇÃO, E FRATERNIDADE ARTISTICA.

*Meu Germano:*

«Não se dirá que vieste a uma terra de irmãos sem lebares para a tua patria uma lembrança indelevel, uma prova au-

thentica da consideração e estima que tanto mereces, e que eu tão verdadeiramente te consagro. Olha que não é uma lisonja: e para que havia eu lisongear-te? A lisonja é ridicula em todas as classes; nesta nossa chega a ser anti-legica, porque se a alma do artista é exclusivamente fadada a sentir a verdade e a comprehender os sentimentos mais nobres do coração humano, não pôde nem deve albergar uma coisa tão baixa e mentirosa, como é a lisonja.

Deifico-te o meu drama porque sou teu amigo, e porque desejo obsequiar-te quanto me seja possível n'uma terra, que não é a tua, mas onde, creio, encontraste irmãos que te minoram as saudades que terás dos teus. Feliz me considero por te poder provar que os artistas portuguezes não deixam passar despercebidamente uma reputação como a tua, e que o demonio da inveja os não tenta a ponto de não prestarem homenagem singela, mas verdadeira, ao artista que se apresenta com a modestia que só o talento faz nascer, e com as qualidades pessoas que te adornam. Aqui, com rarissimas excepções, não ha esse desprezo, essas susceptibilidades, e essas aristocracias balúfas, que, segundo o que tenho lido, irás encontrar em outros paizes. Aqui, em cada homem a quem o publico tenha honrado com a coroa de artista, has de achar um amigo verdadeiro, um irmão carinhoso. O publico já tu o conheces. Essencialmente benigno e protector dos artistas, viu-te, comprehenden-te e applaudiu-te. Não te apresentaste com essas corôas de louro com que os teus compatriotas te ornaram a fronte; esse nome, que na tua patria é conhecido como o de um mestre, apresentaste aqui com o molesto titulo de discipulo. «Venho estudar, para ensinar aos meus,» disseste, e alguém julgou isso uma lisonja por meio da qual esperavas obter *um successo*. Viram-te representar e a modificação da tua pronuncia, o teu estar em scena, tola a execução, enfim, do teu papel, provou claramente que, não só era realmente

o teu fim estudar a arte na escola moderna, mas até que já alguma coisa havias estudado. Todos te reconheceram logo as tendências melodramaticas da escola romantica, mas com a modificação possível, e que só um talento pôde conseguir no curto prazo de doze a treze ensaios. Conhecem-se que a escola moderna, a da verdade, era quasi desconhecida no teu paiz, e que, por consequencia, tihas realmente a intenção, altamente civilisadora, de regenerares a arte por meio do estudo com artistas de reconhecida valia e reputação. Além disto, se no primeiro acto da *Gargalhada* se tornou mais sensivel uma inevitavel e pequena desigualdade no teu systema de declamar em relação aos mais actores, no final do segundo, e no terceiro, especialmente, os bravos espontaneos e as palmas d'uma platéa escollida, te provaram claramente que o publico portuguez tambem te conferiu o diploma d'artista, que tens na tua patria. Aquelles applausos disseram-te—*avante!*—apontando-te para um futuro mais risouho ainda, não só para ti, que estudas, mas para todos os teus irmãos, a quem vaes mostrar um novo horisonte de glorias artisticas. Realmente, pena era que n'um paiz como o Brazil, não houvesse a innovação, que só o teu bom senso e o teu amor à arte, seriam capazes de emprehender. É um serviço que não sei como t'o hão de pagar lá na tua terra; porque sendo inquestionavelmente a arte dramatica um dos principaes caracteristicos do estado de civilisação em qualquer paiz, os estrangeiros, que vão ao Brazil, podiam considerá-lo menos civilisado se frequentassem os theatros. Por consequencia a tua resolução foi, não só grandiosamente artistica, mas até patriotica. Honra te seja feita. É mais uma nobilitação, mais uma pagina honrosa na historia da arte dramatica; e para que não a apague algum d'esses tres inimigos, capitães dos homens, a *inveja*, a *ingratidão*, e o *tempo*, aqui a deixo escripta de fôrma que não possa morrer. Hei de conseguil-o, não pela importancia da pro-

dução a que vac ligada, mas sim pelo facto de estar impressa. Pena tenho eu de não possuir para este fim uma obra mais correcta, de mais importancia, e mais digna de ti. Nos *Dois Muados*, ha ainda defeitos, e muitos, e grandes até, defeitos que eu poderei talvez corrigir na minha quinta ou sexta producção dramatica; mas d'aqui até lá hei de estudar muito, ha de passar muito tempo, e eu estava ansioso de te dar uma prova da minha affeição, archivando o teu generoso pensamento. Além d'isto, poderia offerecer-te outro drama que de futuro escrevesse com mais correcção, com mais importancia litteraria, com mais poesia, mas tanto do fundo d'alma, com tanta vontade, parece-me, meu Germano, que nunca mais escreverei um drama! A alma, tinha-a toda ali, porque ainda estava impressionada pelas scenas detestaveis que presenciei n'um certo *quando* em que vivi algum tempo; a vontade, dava-m'a um pensamento que tive desde que me achei no *Theatro do Gymnasio Dramatico*. Parecia-me desnatural que n'uma corporação onde ha artistas, estivesse a arte resumida no estudo de fazer rir as platias; achei muito possivel que a hilaridade fosse algumas vezes substituida pelo interesse, e até pelas lagrimas. Experimentei e conclui que me não tinha enganado. Paillard de Villeneuve, advogado de Victor Hugo na questão que a *Comedia feuaceza* propoz ao illustre dramaturgo, disse no *Tribunal do Comuercio do Seau*, que *«chaque époque devrait avoir une mission qui lui fût propre; notre siècle n'était pas tellement déshérité qu'il dût n'être qu'un écho du passé.»* Isto dizia-se a respeito de uma questão de arte, e a arte de que se tratava era a nossa, a dramatica. Tomei isto, não só como um axioma, mas tambem como uma veridade que devia estudar, analysar, e guiar por ella todas as minhas tendeneias artisticas. É o que tenho feito. Conheci que o theatro antigo era unicamente um meio de distração, e que hoje, não só preenche este fim, mas um outro tão elevado, tão sublime, tão santo,

que só elle bastava para a perfeita nobilitação da arte, que os preconceitos d'uma aristoeracia balôfa e pedantesca, ainda hoje imagina sem distincção, e sem um primeiro logar na *escala-social*. ; Quem pôde negar logicamente a nobreza d'uma arte *que ensina*? ; Não será verdade que o theatro moderno serve de instrucção às classes mais inferiores da sociedade? Como poderia o operario vir a saber o que se passa e o que se faz n'uma sociedade, que elle não conhece, se não fosse o poeta da nova escola, que lhe pinta os palacios, os costumes, os vicios e as virtudes do nobre opulento, e o artista inspirado que lhe faz sentir o que escreveu o poeta? É pois innegavel que para o povo a arte dramatica é hoje um manancial de instrucção. Antigamente, n'esses dramas de punhal, venenos e portas-falsas, não via senão o horror do crime, e a apolheose da virtude; isto mesmo via-o mal, porque, acobertado por uma linguagem a maior parte das vezes nimiamente affectada, acções quasi sempre exageradas, caracteres excepçionaes e muitas vezes impossiveis, o drama antigo era uma agglomeração de difficuldades para a limitada intelligencia de um operario ou de uma creança. Esse grande fim que o escriptor deve ter sempre em vista, *o castigo ao vicio e o premio à virtude*, via-o o povo, mas via-o porque sabia que o devia ver, não porque o entendesse a maior parte das vezes. No drama moderno já não acontece isto. Vê ali typos muito sens conhecidas, ouve frases inteiras que já ouvia, experimenta sensações que já experimentou, e isto prende-lhe a attenção, innocendo-lhe, sem o perceber, uma linguagem pura, inlexões razoaveis, e o conhecimento pratico dos perigos do nosso seculo. Preenche, pois, um grande fim, esta escola moderna, e é bem mereceres da tua patria as diligencias que fazes para lá a plantares. Só a ignorancia ou a maldade podem negar-te as honras que mereces como artista, e a estima que, como homem te consagra o

*Teu collega e amigo verdadeiro,*

CEZAR DE LACERDA.



Sahio portanto Germano de Portugal deixando amigos verdadeiros, e a sua reputação artistica perfeitamente consolidada.

De volta a seo paiz, pouco tempo depois, organisou uma companhia e recomeçou os seus trabalhos na patria que tanto o admira. Representou uma estação em Pernambuco, outra no Rio Grande do Sul e outra na Córte, no theatro de S. Jannario, por elle melhorado. Com a sua apparição e companhia regular no Rio de Janeiro, as antigas rivalidades reaparecerão dando occasião a manifestações, tanto mais lisongeiras para elle quanto tristemente desairosas para seo pouco escripturioso rival, João Caetano dos Santos, cuja vaidade o arrasta a excessos bem lamentaveis, vaidade cada vez maior por isso que um favoritismo desvairado proteje-o ainda nos seus erros.

Germano, como empresario, sempre foi estimado pelos seus companheiros, e pela sua honestidade e talentos ha conciliado a consideração das autoridades e a sympathia e admiração publica.

Actualmente n'esta provincia onde, com incrível promptidão, reedificou o theatro de S. Luiz com uma quantia assaz lemitada, Germano é dobradamente apreciado pois alem de abrilhantar a scena maranhense com a sua presença, acaba de fazer um relevante serviço, que outro qualquer não faria, com tão fraco e deminuto auxilio.

Os papeis que tem sido na scena interpetrado magistralmente por Germano são innumerous, avultão entre outros os de *André* na Gargalhada; *Othello*; *D. Cesar de Bazan*; *Marinheiro de S. Tropez*; *Pagem do Aljubarrota*; *Pedro*; *Juques d'Albert* no Ultraje; *Bernardo* na Vivanleira; *Jocelyn* no Marinheiro da Martinica; *Luiz de Camões*, e o *Commendador* da Graça de Deus. Sendo que o papel de Luiz de Camões foi-lhe escripto de proposito, e hem assim o de *Fernando* no Mosteiro de S. Thiago, que corre impresso com a seguinte carta dirigida a Germano pelo autor:

«AO EXIMO ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

«Amigo—Mais que muito contribuístes para dar ao meu nome algum realce, levando repetidas vezes à scena, como empresário, tanto na côrte como nas provincias, os meus dramas *Luiz de Camões*, *Pedro-Sem*, *Casa Maldita*, *Tres amores*, *Mosteiro de S. Thiago* e, sobretudo fazendo n'elles o principal papel, interpretando magistralmente o Homero Lusitano, o orgulhoso Pedro, o Diogo da *Casa Maldita* o Rei dos Tres Amores e finalmente o *Fernando* do Mosteiro de S. Thiago.

«Portanto, offerecendo-vos como um penhor de estima e amizade a ultima e mais recente d'estas composições, tambem obedeço a um sentimento de justiça e gratidão.

«Gloria, saude e prosperidade.

L. A. BURGAIN.»

Artista notavel, Germano, é tão bom actor nos dramas românticos como nos da escola moderna e dobra o seu talento até abordando o genero joco-sério com feliz exito, como se prova com o bom desempenho que deo ao papel de *Munuel Escota* na *Probilidade*.

O leitor que até esta ultima pagina veio attrahido pelo desejo de conhecer a vida do artista illustre, que todos admiramos, extranhará o nome obscuro d'aquelle que assigna estas linhas.

Ellas são escriptas como tributo de amizade ao distincto actor brasileiro e não no intuito de recommendar o escriptor. Alem de faltar-lhe conhecimentos para poder brilhar, o trabalho era arido e não se prestava a isso. Collegir apontamentos e escrever *corrente calamo* foi o que elle fez, dedicando esse trabalho, como prova de admiração, áquelle cujo nome escripto na primeira pagina, é uma recommendação para este livro.

Maranhão 1.º de Agosto de 1862.

JOAQUIM SERRA.



## APPENDICE.



Julgo conveniente addicionar aqui as poesias espalhadas no caminho trilhado pelo artista brasileiro; elle conserva-as como lembrança muito querida da bondade dos seus amigos e affeiçãoados.



## TRIBUTO AO MERITO.

AO SR. GERMINO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Estatua levantar erguer aos genios  
Alem dos mundos immortal padrão,  
Deve o poeta—no delirio acceso !  
Venho hoje cumprir minha missão.

É bella a senda das artes  
Quando o artista entende o verbo,  
Que o torna na terra nobre;  
Enche o mundo de seu nome,  
Enxugando o pranto acerbo  
Que orvalha a face do pobre.

Presenciai este quadro  
 Assaz sublime.—Eu intimo  
 Que nelle fiteis a vista:  
 —Um artista na miseria  
 Deslembra-lo achou arrimo  
 No seio de um nobre artista.

Cingi de c'roas a fronte,  
 Regae o palco ile flores  
 Do nobre artista a memoria;  
 Votae-lhe, ó povo, mais palmas,  
 E nas palmas mais louvores,  
 E nos louvores mais gloria!

Deixae que o genio floresça  
 Deixae florescer as artes,  
 Da gloria a nobre conquista,  
 Erguei estatuas e templos,  
 Do mundo em todas as partes  
 Em honra do nobre artista!

E tu, artista, prosegue  
 Da gloria no nobre empenho,  
 Do pobre enchugando o pranto!  
 Agora desculpa peço;  
 E' fraca a lyra, convenho,  
 Mas foi sincero o meu canto!

Estatuas levantar, erguer aos genios  
 Alem dos mundos immortal padrão,  
 Deve o poeta—no delirio acceso!  
 —Poeta, já cumpri minha missão.

Maio—1859.

*Juveniano Monteiro.*

AO INSIGNE ARTISTA O SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA POR  
OCCASIÃO DO BENEFICIO QUE DEU Á ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA  
PERNAMBUCANA EM 8 DE ABRIL DE 1858.

Este canto que ouvís tambem é vosso,  
Comigo o sentireis,  
Em vosso coração lá brilha a fôrta,  
No meu reflecte a luz daquelle fronte  
Que invejariam vós!

C. CASTELLO BRANCO.

O que oíço ! O que vejo ? Um povo immenso,  
O applauso geral, o puro incenso,  
Que o genio mereceu !  
No meio do concurso um bardo app'rece,  
Dai-lhe um logar tambem, si elle o merece !—  
Este bardo—sou eu !

Eu que as artes adoro,—esta cadeia  
D'immensa aspiração, d'eucantos cheia,  
Que nos deslumbra a vista !  
Eu que—joven poeta—me supponho  
D'outros muitos áquem; não me euvergonho  
De cantar o artista.

O artista que compr'hende o sacerdoceo,  
Tão sublime, das artes,—que no ocio  
Não se deixa ficar !  
Ao astro que dá luz, vida ao proscenio,  
Das artes o pharol, do paleo o geniu,  
Venho hoje cantar.

Vem render a vassalagem,  
Ó musa da poesia !  
Vem render justa homenagem  
Do genio á soberania !

Estas glorias mal-ganhadas,  
 Estas flores desbotadas  
 Debaixo dos pés eu calco:—  
 A um genio rendo a meu culto;  
 Este monarcha, este vulto—  
 Ei-lo em pé alli no palco !

Mirai todos esta fronte  
 Aonde o genio transluz,  
 O manancial, a fonte,  
 Que mil grandezas traduz;  
 Por tão nobre enthusiasmo  
 Quem se não rende de pasmo ?  
 Quem não lega mil laureis ?  
 E do genio-rei á imagem  
 Quem não rende vassalagem ?  
 Quem não vai cabir-lhe aos pés ?

Quem compr'heinde *Arte* o que seja,  
 Quem para isso tem jus,  
 Naquelle fronte reveja  
 D'arte o pharol, d'arte a luz !  
 Quem compr'hender, que lhe renda  
 Uma homenagem, uma offrenda  
 Entusiasta lhe dê !  
 Que se curve a alma proterva,  
 Em quanto elle se conserva,  
 Como uma estatua, de pé !

Quem não salva o astro novo  
 Que deslumbra, offusca a vista ? !  
 Eu como filho do povo  
 Adoro as glorias do artista !  
 Sou tamhem artista n'alma  
 Á ninguem cedo esta palma

Porque vicejou no pó!  
 Sim! que a luz me maravilha  
 Daquella estrella que brilha  
 No mundo das artes—só!

Admiro em ti o genio,  
 O florescente brasão;  
 Dos artistas o convenio  
 Se honra em chamar-te—irmão!  
 És meu irmão, que esta chamma  
 Que a mente e o peito te inllamma,  
 Cá dentro a sioto tambem!  
 Como irmão te conheceram  
 Os artistas que nasceram  
 Dos ceos brasílios alem!

Vinde todos!—dai um passo,  
 Entrai p'ra este salão,  
 Presencèai um abraço  
 Que as artes hoje se dão!  
 Eis alli o rei da festa,  
 Um povo inteiro o attesta  
 Das suas lendas na historia—  
 Vejo as artes de mãos dadas—  
 Alem das glorias ganhadas  
 Ganhaste mais esta gloria!

É nova a scena:—se ergue  
 Povo de artistas irmãos,  
 Sam filhos de Guttemberg  
 Eis que ao genio ilam as mãos:  
 Este fraternal aperto  
 Muito revela de certo  
 Às almas que sam leaes!  
 Sam dois astros que no espaço

Dam no encontro um abraço,  
 Sam duas artes rivaes !

Salve as artes que sam nobres,  
 Por que ensinou-as Deos,  
 Sam os auxilios dos pobres,  
 Sam inspirações dos ceos !  
 Eu que nada tenho, emtanto,  
 Alem d'este rude canto  
 Vos lego meu coração:  
 Não é tributo fingido,  
 Que eu não sou desconhecido,—  
 Poeta—sou vosso irmão ! . . .

*J. da C. Monteiro.*

AO IMMORTAL ARTISTA GEMIANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

À um pobre velho—social destroço,  
 Lhe outhorga um beijo caridoso artista,  
 Mostra-lhe à vida variado esboço,  
 Na mão depõe-lhe sua mão benquista.

E assim unidos em fraterno enleio,  
 No alcaçar da arte a pobreza app'rece,  
 Reclina o velho a cabeça á um seio,  
 De gozo a lagrima pelas faces desce.

Poeta—cedo o meu culto  
 Ao genio de mil laureis,



Da scena ao preclaro vulto,  
 Que tem o povo a seos pés,  
 É mais um astro que luz  
 Nas plagas da Santa Cruz;  
 É mais uma alma fadada  
 À ter na viola um florão—  
 España de Geleão  
 Trauspõe a esphera encantada!

As turbas passam lhe dando  
 De rosas flores um cacho,  
 Mas n'aquelle olhar tão brando  
 Do genio illumina o facho.  
 Chamado rival de Talma  
 Aleança da scena a palma,  
 Tem o talento de um Kean!  
 E havendo dado um abraço  
 À arte, em gigante passo  
 Ei-lo alã—é sempre assim!

Mas hoje uma nova festa  
 O vem trazer ante a scena,  
 Grinalda lhe cinge a testa,  
 Lhe orna a fronte serena;  
 Vem proteger seu irmão,  
 Vem dar-lhe o roubado pão.  
 Das artes no Colisen:  
 E eu poeta—me inspiro  
 No rasgo do amor; desfiro  
 Meu canto debil—sou eu!

A arte excita esse empenho  
 Nos braços do bom artista,  
 Ajuda-o á levar o lenho,  
 Aperta-lhe a mão bemquista.

Unidos em estreito laço  
 Dous artistas commemoram  
 Das artes o doce abraço  
 E ambos tambem já choram !  
 Oh! quanto é bello este aperto  
 Das artes, no seu concerto !  
 Oh! quanto é forte essa fê  
 Que aviva murchada crença !  
 E alli n'uma salla extença,  
 Eis os artistas ile pé !

Desta festa eu tambem ébrio conviva,  
 Ergo o meu calix—de alegrias pleno:  
 Adoro as artes como adoro as lettras  
 Do genio curvo-me ao menor aeno.

1830.

*Muni: Tavares.*


---

AO SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, NA ABERTURA  
 DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Eia avante, Germano, caminha  
 Mais um novo trophêu vem colher:  
 —O teu nome aos vindouros pertencê,  
 No porvir ha-de sempre viver.

Qual estrella brilhante da noite  
 Se vê sempre nos céus a fulgir,  
 Tal será entre palmas e louros  
 Tua sorte futura a sorrir.

Mas que digo ? taes louros, taes palmas,  
 Que serão teus futuros trophéus,  
 Já com honra os ganhaste na scena,  
 Ninguem pôde roubar-tos—são teus.

Como o nome de Talma nos surge,  
 Entre os genios da terra a brilhar;  
 Ha-de assim pela gloria guiado  
 O teu nome aos vindouros passar.

Gis-Vicentes, e outros famosos,  
 Que nas azas da fama são reis:  
 Como tu já se ergueram gigantes,  
 É inda hoje no mundo dão leis.

Eia avante, Germano, na frente  
 Mais um louro vem hoje ciugir.  
 Já não pôde morrer o teu nome—  
 —Para\* ti já pertence o porvir !

Recife, 17 de Maio de 1830.

*A. Marques Rodrigues.*

---

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, TRIBU-  
 TU DA ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA, POR  
 OCCASÃO DO BENEFICIO DA MESMA ASSOCIAÇÃO EM 21  
 DE JUNHO DE 1859.

Eis-me de novo, interpretando os votos  
 D'uma familia que os mysterios d'arte  
 G

Comprehende e traduz. Orgão singelo  
 Do íntimo sentir que lhe trasborda  
 Do coração em fervorosa phraxe,  
 Cabe-me a honra de fallar por tolos,  
 Irmãos na crença, no viver, no eueargo,  
 Na doce aspiração de gloria infuda.

Perante o povo generoso e illustre  
 Vem o artista humilde e dedicado  
 Saultar contente o sublimado artista,  
 Cujoo nome o paiz repete n'fauo  
 Nas vivas explosões do enthusiasmo.  
 Mas o tributo que este irmão lhe paga  
 É tão fiel, tão verdadeiro e grave,  
 Que não ha expressão que o represente  
 Com tolo o mimo que é mister prestar-lhe.  
 Ha na minha alma um soberano instincto  
 Que não me é dado aniquilar, que é sancto  
 E se revela no immortal transumpto  
 Da gratidão que lhe realça o brilho.  
 Poderei esquecer'-o? e a turba anciosa  
 Dos companheiros que me são tão caros  
 Me absolvêra, ao contemplar-me alheio  
 À festa que os seiluz, que os embevece,  
 Que lhes indica no surgir da esp'rança  
 Os longes de um porvir lucido e bello?!  
 Nunca o fizera eu. Que outros s'esquivem  
 À convivencia fraternal das lettras,  
 Das artes, que um só verbo pronuntiam:  
 Cumpre-me erguer a voz, e agora o faço,  
 Aberto o peito a jubilo supremo.

Deas palavras mais. Ao povo nobre  
 Um sentimento me combuz, me arrasta.  
 Elle que seupre se distingue tanto

No amor que vota à classe de operarios,  
 Que eu symboliso aqui, merece o affecto  
 No mais extremo grau. Hoje que prompto  
 Elle já volve a partilhar o gozo  
 D'esta festa d'irmãos, uma homenagem  
 Venho render-lhe que por todos faile.

E a tí uma oblação vivida e pura,  
 A tí, GERMANO, a saudação do amigo,  
 O abraço fraternal que de mim parte,  
 Como seguro interprete d'aquelles,  
 Aos quaes te ligas por tão doces laços.

Não tenho uma grinalda que t'offereça.  
 Nem sequer uma flor, mas sobra o impulso  
 D'alma e do coração: e tu que és grande  
 Bem comprehendes que perfume encerra  
 O simples voto que me sae do peito  
 Na voz da gratidão e d'amizade.

---

AO EXIMO ACTOR O ILL.M. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, CAVALHEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA; POR DECAÇÃO DO BENEFICIO QUE DEU AO ASYLO DE MENORIDADE EM PERNAMBUCO, NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1857.

A arte tambem tem seu Evangelho  
 Feliz qui se pode carregar-lhe a cruz.

(JENEZES DÓRIA.)

Além do genio que te agita n'alma  
 De zona em zona á te legar renome

De acção heroica grangeaste a palma;  
—Egregio feito que eternisa um nome!

Actor sublime, teu renome alcanças  
Por entre abrolhos que revestem a arte,  
Na tua fronte mais um louro entranças,  
Que brota flores em longinquoas partes.

Por todo o mundo do teu nome a fama  
Pasmando os povos com esplendor reluz,  
A patria tua se gloria, e inflama,  
Por ver-te d'arte carregando a cruz.

Morrer não podes que não morre o genio  
Quando na terra completou seu fado;  
Chegar podeste ao eternal proscenio,  
Teo nome aos seculos passará lembrado.

Da scena sabes espargir delicias  
A' classe pobre que mendiga o pão  
Gozando sabes tambem dar caricias,  
Porque no genio jamais há ambição.

Avante, avante, teu futuro é nobre  
Actor sublime, benfeitor, e amigo,  
Te adora o rico, te venera o pobre,  
Que ao pobre afflicto vais levar abrigo.

Eu que teu genio de assombroso pasmo,  
Sincero venho, bem-dizer-te a mão!  
Finem-se embora de venal marasmo  
Torpes, avaros ante o teu brazão.

Só na arte eu vejo a verdadeira gloria!  
Caminha, avante, teu porvir é bello

Teo nome unido viverá na historia  
 Aos grandes nomes por doirados elos.



AO ILLUSTRE ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA  
 NO DIA DA ABERTURA DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Eis um dia feliz já Pernambuco  
 Apresenta ao Brazil um hom Theatro  
 Edificio pomposo que condiz  
 Com a riqueza, esplendor que hoje destingue  
 A classe de Familias sublimadas—  
 Que compõe este povo illustre, e nohre:  
 Sobre a scena veremos, bem distinctos  
 Os feitos dos Herões antepassados  
 Que outr'ora no Recife resultos  
 O perigo afrontarão sem receio—  
 Salvando a Patria defendendo a lei,  
 O Throno sustentando em que hazêa  
 No lóio da Nação—nossa fortuna:—  
 Parabens eu te dou Sublime Artista  
 Da affeição que moveste ao Povo inteiro  
 Da nobre Capital que hoje resido  
 Da Provincia do norte a mais brilhante,  
 Onde impera o valor; o gosto, o genio!  
 Tu na scena extasias com primor!  
 Tu sabes imitando a natureza  
 Mais ao vivo pintar do que a leitura,  
 Os actos que abrilhanlão nossa historia!



Tu entras por arcanos e revocas,  
 D'entre o pó, d'entre a cinza, e d'entre, o nada,  
*Ao seculo vivente, eras passadas,*  
 Na Tragedia valente que recorda  
 Os actos do valor d'honiens briosos  
 Que soberão por gloria, e por costume  
 A morte prelirir a ser covardes:—  
 Aqui se representa a vida illustre  
 Do homem philantropo que cingido  
 As leis de humanidade, as leis de Deos  
 A norma de moral dictou ao mundo  
 Os extremos de amor seguiu mostrando  
 Quanto pôde o amor num peito livre  
 Quanto pôde a belleza aos olhos ternos  
 Do poeta infeliz apaixonado,  
 Na lyra a descórre com melodia,  
 Ou com versos pomposos decantando  
 Exeelsa gloria de valor subido  
 Aqui bem poderemos memorar,  
 Henrique, Camarão, Negreiro, e outros,  
 Que da Patria o Amor mostrar soberão  
 Preferindo morrer em continente  
 Deixando a sua terra independente.

Pernambuco, 15 de Maio de 1850.

*Prospero Diniz.*

---

ADIOS AO DISTINCTO ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Se Rubens, Raphael, Murillo e outros  
 Inspirados do Céu, genios fecundos

Seus magicos pinceis ennobrecêrão:  
 Se dos seus preciosos, bellos quadros,  
 As esmeradas, imitantes copias,  
 Attestados feis são de sublime,  
 Artístico primor, da gloria sua:  
 Tu, artista qual és, teu nome exaltas;  
 Chamma divina tua mente abrasa:  
 Fadou-te o Céu tambem fecundo genio,  
 Pintor exímio das paixões humanas,  
 A copia viva dos affectos d'alma;  
 E de ti, grande actor, que tens guardados  
 Immensos cahedaes nos cofres d'arte,  
 De ti, de quanto vales, não se esquece  
 Este povo de irmãos, povo de amigos !

Que mais desejas pois ? . . . Fallas da gloria ? . . .  
 Essa de ha muito que ganhar sonbeste.  
 Ah ! duvidas talvez ? Melhor ainda:  
 É que do impuro, mal cheiroso incenso  
 Da baixa e vil lisonja, te arreccias . . .  
 Sim ! que o brilho da gloria é tortuoso  
 E cereado de occultos precipicios,  
 E o fumo dessa droga assim queimada  
 Apaga ao caminhante a incauta vista.

Esforgado e modesto apost'lo d'arte !  
 Amanhã . . . amanhã . . . não mais comnosco,  
 E sobre as salsas ondas bem distante ! . . .  
 Hoje, em scena, entre nós, colhendo applausos;  
 Amanhã . . . amanhã . . . tristes saudades !

Propicio norte, honançosos ventos  
 Te condução feliz a porto amigo !  
 Acompanhe-te o Céu ! Boa viagem !

AO INSIGNE ACTOR, O ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA,

SAUDAÇÃO POÉTICA.

### Homenagem ao merito.

Irmãos, e não rixões, as artes bellas  
 Aperlem mais e mais seus mutuos laços:  
 Sua origem common, seus fins os mesmos,  
 Impõem-lhes lei de amar-se, unir esforços,  
 Eous às entras realçar o incanto.

CASTILHO.—ESCAVAÇÕES POÉTICAS.

*Epistola a Sendim.*

Desde o surgir dos seculos primeiros  
 Foi dado ao vate consagrar na lyra  
 Singelas oblações, tributo ingenno,  
 Grata linguagem do prazer, do incanto,  
 Aos filhos d'arte, aos fervidos cultores,  
 Lei sublime firmou doce existencia,  
 Mutuo viver de enthusiasmo e gozos:  
 A suave harmonia que os enlaça  
 Troca seus brincos, seu folgar perenne,  
 E dispõe festival sociedade,  
 Que muito além dos tempos se dilata.  
 Saída o artista, dedicando um voto  
 Ao caro irmão, ao delicado artista,  
 Que os mysterios da varia fantasia  
 Presto conhece, e corresponde attento  
 Aos suspiros de amor e um meigo riso.  
 Quem lhes pôde vedar esse consorcio  
 Do puro coração? quem lhes prohibe  
 Intimo amplexo do sentir profundo,  
 Que os estreita, que os liga eternamente,  
 Que os recompensa com os florões da gloria?

O mimoso pintor, formando os quadros,  
 Traçando as côres, o matiz brilhante,  
 Grava na t'ela maga poesia,  
 Que o barilo entende; mysterioso canto.  
 Ergue o poeta, inspiração divina,  
 Graciosa pintura que não morre:  
 Ambos vivem na terra, desenhando  
 Sentimentos, paixões, rendendo cultos  
 À natureza nos paineis luxosos.  
 São assim os artistas. — E quem ousa  
 Dizer ao vate que não teça um hymno  
 Ao magestoso actor, ao que na scena  
 Encanta, enleva, enthusiasma, arrôba,  
 Moldando a voz, a posição, o gesto  
 D'alma aos segreiros que só d'alma brotam?  
 Não é d'arte cultor esse que arrastra  
 Sombras, espectros, pavorosos vultos,  
 Que delira, que geme, que soluça,  
 Que ri d' amor, que folga de alegria,  
 Que a raiva exprime, o desespero, as ancias,  
 O infernal cinne, a crueldade,  
 O atroz martyrio, soffrimento acerbo?  
 Não é d'arte cultor esse que arroja  
 Do combatente a espada tinta em sangue,  
 E surgindo no palco se corôa  
 Dos loiros da victoria? Não merece  
 Nome de artista quem na scena ufano  
 Pinta os contrastes, pinta os movimentos  
 Da natureza nos fieis transportes?  
 Eu não temo affirmal'-o; e a musa humilde  
 Seu nome eleva porque vê que è digno.

Eis, ó Germano, porque eu venho agora  
 Dar-te na lyra candida homenagem  
 Da sincera affeição que a ti me prende:  
 Eis porque, sem usar de phrase torpe

Da abjecta lisonja que detesto,  
 Venho off'recer-te generoso canto,  
 Prova singela de que sei prezar-te,  
 —Oblação a teu merito subido.—  
 És um actor, e basta.—Quantas vezes  
 Doce emoção no peito me despertas!  
 Quantas vezes o pranto copioso  
 Me inunda as faces, ou prazer suave  
 Pula no coração arrebatado,  
 Que ao som de tua voz prompto palpita!  
 Espontaneo sentir então me assalta,  
 E, cicio de alegria ou de tristeza,  
 Sae dos meus labios a expressão singela,  
 O vivo applauso, que encobrir não devo.  
 Desde o primeiro instante em que meus olhos  
 Se fitaram em ti, pisando o palco,  
 Pude entrever um sublimado artista,  
 Um grande actor, e conhei teu genio.  
 Lida joven, na flor da mocidade,  
 Muito promettes: o estndo, a escola,  
 A firme applicação que te dirige,  
 Dão-te um lugar distincto entre os cultores  
 D'arte difficil que sem custo segues.  
 Não é teu nome o nome que se sumia,  
 Sem estrondo, no pó do esquecimento:  
 Honrosa profissão que tanto elevas  
 É digna de ti, podes afouto  
 Seguir-a sempre, que o porvir te aponta.

Se a facil expressão, a voz sonora,  
 A presença garbosa, o vivo gesto,  
 As bellas posições, são qualidades,  
 Que o merito do actor muito engrandecem,  
 Tenho razão, o artista que decanto  
 É credor dos maiores elogios.

Eu vate que prescrito a natureza  
 No immenso imaginar, eu que não posso  
 Negar tributo ao verdadeiro genio,  
 Cumpro a lei que me impoz dever sagrado,  
 Pago um voto, não minto, não me illudo,  
 Luda me lembro dessa bella noite,  
 Quando a primeira vez extasiado  
 Te vi na scena patria.—Alto silencio  
 Reinava então: attentos se apinhavam  
 Os que viuham gozar novo espectáculo;  
 Meno concurso denotava o empenho,  
 A anciedade que existia em todos.  
 Era esse drama de *Arago* sublime,  
 Que descreve a loucura de um maucello,  
 Do infeliz *André*. Subito espanto,  
 Geral consternação, terror e susto,  
 Calaram n'alma. Quem diria, ao menos,  
 Que nesse instante não brilhou o artista,  
 Como um triumpho sobre a scena patria?  
 Quando, curvado ao peso do destino,  
 Surgiu no palco o lillo obediente,  
 Que o insigne Germano figurava,  
 Quem não viu no semblante macilento  
 Impressa a pallidez, o desatino,  
 A demencia completa, a enfermidade,  
 Que lhe apagára da rasão o hume?  
 Olhar sombrio, incerto e vacillante,  
 Desgrenhado cabello, a tez perdula,  
 O cansaço, a fadiga, o desalento,  
 O suor copioso, a aflicção d'alma,  
 Tudo indicava do infeliz a triste,  
 Cruel situação: profunda magoa  
 Que o peito punge cedo se reflecte  
 Em cada traço do alterado rosto:  
 Riso do inferno lhe roçara os labios,

E quando afflicto, os olhos envesgando,  
 Alheio ao mundo, trepido, convulso,  
 Despediu a tremenda gargalhada,  
 Quem deixou de chorar? quem uma lagrima,  
 Por certo, não verteu? *André*, Germano,  
 Era um só homem; o actor e o joven,  
 Que elle pintava, então se confundiram.  
 O riso da desgraça e da loucura,  
 O pranto, o delirar, suspiros, queixas,  
 Inteira confusão, total contraste,  
 Opposição de idéas, mescla horrivel  
 De sentimentos, inda hoje assomam  
 À fantasia, quando acaso os volto.  
 Então eu conhêci quanto era grande  
 Em seus effeitos o poder dess'arte,  
 Que da existencia reproduz as phases,  
 E do homem a vida representa.

Ainda hoje, quando o mesmo quadro  
 Ante os meus olhos vem offerecer-se;  
 Quando vejo na scena repetido  
 Aquelle drama que seuz, que move  
 Com tam vivo pungir, sinto no peito  
 Dolorosa impressão, e atroz successo  
 Renasce na lembrança, como o typo  
 Da desventura na primeira idade.  
 Quem ha que possa recensar encomios  
 Ao insigne Germano, ao nobre artista,  
 Filho da Patria, que na Patria vive;  
 Manifestando o merito eminente  
 Na profissão distincta que abraçára?  
 Quem lhe pôde negar solemne applauso,  
 Solemne approvação, quando observa  
 Nos seus gestos o interno sentimento,  
 Na sua voz, no declamar tam proprio,



Nas transições, nas rapidas mudanças,  
 Na expressão das paixões e dos affectos,  
 No rir, no entristecer, no tom variado  
 Com que descreve as intimas idéas?

Aqui um grande heròe elle figura,  
 Prototypo de amor, de lealdade,  
 Que, affeito á crença de passadas eras,  
 Não murcha o brio, não desmente o nome  
 De cavalleiro audaz e generoso:  
 É *Mendo Vasques*, portuguez honrado,  
 Indefesso nas lides, *pagem* nobre  
 De *Aljubarrota*, que ao valor dá treguas,  
 Para curvar-se á lei do seu destino,  
 E cumprir um dever que ella prescreve.  
 É o actor a imagem do guerreiro;  
 E se esse do tumulto surgira,  
 Imaginára ver copia segura  
 No guerreiro da scena que o retrata.  
 Alli o vejo fatigado, oppresso  
 De ciume, seu' custo desenhando  
 O *esposo de Leonor*, que, longe della  
 Prezo na Barbaria, se deslembra  
 Dos seus votos, e immola uma innocente  
 Ao seu amor; e que, voltando á patria,  
 Enfurecido, ao pelago se arroja  
 Da desesperação que o dilacera.  
 A raiva intensa, o grito da vingança,  
 O rancor, o delirio, expressões fortes  
 Mostram Germano imitador exacto  
 Dos vivos caracteres que se estampam  
 Naquelle original. Quem, se o contempla,  
 Não dirá: Eis alli fiel transumpto  
 « *Do Captivo de Fez?* » — Já de outro lado  
 Vejo o actor na pompa, na opulencia,

Expressando a altivez, o orgulho, a cólera  
 De *Pedro-sem* que da virtude zomba;  
 E depois mergulhado na miseria  
 Sofrer humilde os transe d'amargura,  
 Que despedaça o coração d'esse homem,  
 Quanta belleza no painel sombrio,  
 Que ante os meus olhos o actor presenta !  
 Quanto brilho nos traços tam diversos  
 D'essa existencia que se esvae no leito  
 Do longo padecer ! Quem não descobre  
 Estreita ligação entre os dois vultos,  
 O que é copiado, e o que copia ?  
 Zeloso *Othelo* agora me apparece,  
 Amante desesperado que não teme  
 Ceder ao peso do atroz ciúme:  
 O denodado *mouro* de Veneza,  
 Escravo da paixão, cravando o ferro  
 No coração da candida *Edelmonda*,  
 Provando a morte que lhe offrece o crime,  
 A perfida de Pézaro insolente,  
 Pelo actor é tambem representado,  
 Que mais parece natural impulso,  
 Que longo esforço da arte poderosa.  
 Ora diviso do infeliz poeta,  
 D'esse *Antonio José*, genio da Patria,  
 A dor anciada, o barbaro tormento,  
 Quando, entregue á carocha, ao sanbenito,  
 Sóbe a fogueira, o mundo abandonando,  
 E victima do horrendo fanatismo  
 Encontra a morte nas vorazes chammas.  
 Ora se me afigura ver o vate,  
 Gloria de Lysia, trovador famoso  
 Dos amores da bella Catharina,  
 O divino *Camões* que se engrinalda,  
 Que se corôa com o laurel brilhante,

Mimoso premio das gentis piérides,  
 Quantos quadros o artista não desenha,  
 O extatico actor, se nos descreve  
 Traço por traço a vida procellosa  
 Do vate que suspira desditoso,  
 E pela mesma patria desprezado,  
 Que elle tanto engrandece ! Amor sem termo,  
 Excessiva paixão, canções tam lindas,  
 Tam lindos versos, que na lyra sóam  
 Do enamorado genio, volvem puros  
 No digno Germano que os exprime.  
 Quando após o naufragio, sequioso  
 Busca o solo da patria, e vem coberto  
 Dos florões da victoria que brilhára  
 D'África ao sol, nos campos do Oriente,  
 Quem não divulga o infortunado amante,  
 Louco, sem tino, exp'imentando a sorte  
 No sen triste viver ? Quem não lhe escuta  
 Sentidos ais, o suspirar queixoso,  
 Que juncto do seu Jáu, fiel amigo,  
 Á custo exhala ? Quem não vé o illustre  
 Cantor da Lusitania, curvo ao peso  
 Da indigencia, pedindo á terra ingrata  
 O pão tardio que lhe aplaque a fome,  
 E finar-se depois na rinde enxerga,  
 Como o proscripto, sem que a voz maviosa  
 Da saudade na campa lhe retumbe ? ! . . .  
 Oh ! quem pôde conter a magoa, o pranto,  
 Venho o actor, o artista consummado,  
 Que tambem da poesia segue os vôos,  
 Exprimindo as paixões tumultuosas,  
 Que n'alma de poeta se encadêam ? !  
 Se vejo *Samuel*, quem me dissipa  
 Aus olhos a illusão ? Alma que sente,  
 Espirito que vóa sobre as azas

Do amor e da fé, peito que exulta  
 Em viva commoção, tuilo renasce  
 Em Germano que lucha valeroso  
 Na torrente dos males que o perseguem:  
 —*Renegado* que vive para os votos  
 Da sã religião, de novo assoma,  
 Dando á virgem christã de esposo a dextra,  
 E punindo com pena rigorosa  
 O seu rival, o impio *Renegado*. —

E que posso en dizer' que mais exprima  
 O que sinto, o que penso, quando surge  
 Na scena o grande actor? Ha'li quem ouse  
 Recensar ao artista uma grinalda,  
 Uma capella de mimosas flores,  
 Quando o vê magestoso debuxando  
 As tragicas paixões, ou na comedia.  
 Excitando a alegria que produzem  
 As facecias, os ditos graciosos?  
 E porque não darei pleno tributo  
 Da minha admiração, do meu respeito,  
 A quem tanto merece? Não me esquivo;  
 Nem me confundo no tropel dos zoilos,  
 Que se rojam no pó, mesquinhos vermes,  
 Da natureza produções disformes.

Eis, ó Germano, de minh'alma os puros,  
 Sinceros sentimentos. Não supponhas  
 Que en viole os preceitos da verdade.  
 Até hoje da lyra sonora  
 Inda não profanei sacros mysterios,  
 Nem mancharei jámais o dom das musas  
 No vil emprego da fallaz lisonja.  
 Quando te louvo, quando te consagro  
 Meus versos, um tributo não suspeito

Pago ao talento, ao merito elevado,  
 Não me envergonho de sandar contente  
 Ao filho d'arte primoroso, egregio,  
 Pois tambem sou artista, e só costume  
 A linguagem fallar da consciencia.

Recebe esta oblação, recebe o fendo,  
 Que vou pagar-te, cheio de candura:  
 É do cantor a simples homenagem,  
 Filha do coração que é sem refêlho.  
 Avante, na carreira gloriosa  
 Que tens trilhado. A Patria te saúda,  
 Espera-te o porvir que te pertence,  
 E o vate amigo, a lyra dedilhando,  
 Eterniza ten nome nos seus versos.

*A. B. de Torres Bandeira.*

---

SOMETO

OFFERECIDO AO INSIGNE ACTOR BRASILEIRO GERMANO FRAN-  
 GISCO D'OLIVEIRA, NO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1849.

Veze oitô aqui tens, astro da Scena,  
 Penhorado atenções, prendido olhares:  
 Quem na scena te vê, não tem pezares.  
 Não tem mágoas, nem dôr, nem ais, nem pena.

Em bem sadada hora, em hora amena,  
 Nossa estrella feliz por sobre os mares  
 Aquí te conduzio para nos dáres  
 Alegria do ceo, pura e serena.

Nossos votos recebe pois nfano;  
 Votos do coração, que prasenteira  
 Te offrece a nossa alma sem engano,

Do vale a profecia é verdadeira;  
 Vae contente—que o nome de Germano,  
 Eterno ficará na Cachoeira.

*José Filinto da Rocha.*

---

AO EXINIO ARTISTA GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, POR  
 OCCASIÃO DA SUA CHEGADA À PERNAMBUCO.

E tambem me acompanha inda a saudade  
 Do povo que me aguarda em Pernambuco.

GERMANO F. D'OLIVEIRA.

Ei-lo ! chegon ! Bemvindo ás plagas nossas;  
 Que mil louros te esperam ! Ancioso,  
 Artista, te esperava um povo inteiro !  
 Fugiste de entre nós, assignalando  
 Com traços bem vivazes os lugares  
 Onde pison teu pé. Em Guanabara  
 Ganhaste mil trophêos. Na terra tua  
 Poste chamado rei da scena nossa !  
 Uma c'róa te deram—bem mesquinha  
 P'ra pagar dignamente teus esforços !  
 Pasmaste um povo inteiro, que mais queres ?  
 Eis, chegaste entre nós. Ouves ? Mil bravos  
 Estrepitosos soam em teus louvores !  
 Agua gigante da brasilia scena  
 Que devassas o globo, altiva sempre !  
 Nada mais p'ra louvar-te dizer posso

À quem te ouvir na scena, traduzindo  
 Acções pasmosas d'enredados feitos!  
 Sensiveis almas commovidas gemem  
 Te ouvindo commovido; eis que despertas  
 Dos labios—*bravos*—d'espontaneo pasmo!  
 És genio! à quem tocou da divindade  
 Vivaz parcella de scintella fulgida!  
 És genio! Bem o dizem tuas glorias!  
 És genio! Eis que repetem os fillios todos  
 D'uma nação inteira.—És genio, és genio!  
 Além de tantas glorias que alcançaste  
 No brasileiro solo um povo estranho  
 Também já te applaúdio. Um povo estranho  
 Já te chamou irmão. Irmão, que um genio  
 Qual tu és tem por patria o mundo inteiro!  
 Bemvindo sejas, que por ti saudoso  
 Gemia Pernambuco, mas agora  
 De enthusiasmo cheio exulta, exclama:—  
 Ei-lo! Chegou! Bemvindo às plagas nossas! . . .

*J. du C. Monteiro.*

Recife 25 de Fevereiro de 1838.

---

AO INSIGNE ARTISTA DRAMATICO GERMANO FRANCISCO DE  
 OLIVEIRA REPRESENTANDO NO DRAMA—LUIZ DE CAMÕES.

SONETO.

Só fôra de Camões o estro ardente  
 Vero cantor das emoções que excitas;  
 De Camões immortal, cujas desditas  
 Rememoras no palco vivamente;



Camões, que viu trocadas de repente  
 Por ternas affeições mágoas afflictas;  
 Camões, morto de angustias infinitas,  
 Pela sorte da patria descontente.

Baldada aspiração ! . . . Da ingente lyra  
 Apenas nos repete a lusa historia  
 Os cantos divinaes que desferira,

Parém saiba o universo, p'ra memoria,  
 Que, se u'alma do actor Camões respira,  
 Como teve Camões, o actor tem gloria!

---

SONETO

AO NOSSO QUERIDO E DISTINCTO ACTOR GERMANO FRANCISCO  
 DE OLIVEIRA; POR OCCASIÃO DE SUA ESTRÉA NO THEATRO  
 DE S. JANUARIO EM FAVOR DAS FAMILHAS INHIGENTES VI-  
 CTIMAS DA FEBRE AMARELLA EM LISBOA.

Tu és mais que meu rei, tu és meu Nunc.  
 (F. M. BARRETO.)

Si o Genio perennal d'immensa gloria  
 Te avistasse no palco presenteiro,  
 Ao lilho magestoso do Cruzeiro,  
 O tempo mostraria da Memoria!

E nas paginas depois da nossa historia  
 Reservendo o teu nome Brasileiro,  
 Ufano de fazel-o mui fagueiro,  
 Dos Zoilos puniria a vil escoria.

Mandaria que a sorte si curvasse,

Que a fama te offertasse seus thesouros,  
Que a gloria a ti mesmo venerasse.

Que dos mesmos christãos passasse aos mouros,  
Que o mundo reverente te adorasse  
Que a fronte te cingissem verdes louros ! . . .

AO INSIGNE ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA  
IMPEHIAL ORDEM DA ROZA, POR OCCASIÃO DA SUA ULTIMA REPRESENTAÇÃO  
NO THEATRO DE S. JANUARIO, ANTES DE RETIRAR-SE PARA A  
PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

**Soneto.**

Se o sol resplandecente espanca a treva  
De triste, horrída noite tormentosa;  
Se a vibora do mal com sanha irrosa  
De feroz aggressão se nutre e ceva:

O merito opprimido mais se eleva,  
Brilha o genio com luz mais radiosa;  
Uma alma grande, firme e generosa  
Somente puras intenções releva.

E tu, que has feito ver que nada vence  
A nobre esforço, prestimoso e lhano,  
Avante pois ! O resto a Deos pertence.

Aches, Artista, placido oceano !  
Não olvides o povo fluminense  
Pelo povo teal pernambucano !

AO DISTINCTO ACTOR BRASILEIRO, O ILLM. SNR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, POR OCCASIÃO DO BENEFICIO CONCEDIDO À ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA, EM 8 DE ABRIL DE 1858.

Quanto é doce a união que prende as artes !  
 Filhas sublimes de um principio santo,  
 Oriundas do amor que o *bello* esmalta  
 Da creação nos quadros magestosos,  
 Ellás se abraçam fervidas, constantes,  
 E s'encaminham rapidas na senda  
 Do progresso e da luz, que se dirige  
 À essa vida ideal que o mundo enleia.  
 Por toda a parte desabrocham flores  
 Ao sorrir da existencia incantadora.  
 Que essa harmonia reproduz formosa,  
 E os thesouros da vasta natureza  
 Abrem-se então aos improbos esforços  
 Do cultor que lhes vai sondar o arcano.

D'esta idéa immortal arrebatado,  
 Bebendo a inspiração no genio ardente,  
 Que te realça o espirito fecundo,  
 Hoje tu veus, Germano, pressuroso  
 Dar uma prova de que bem conheces  
 O segredo das artes que s'enlaçam  
 N'um pensamento d'affeição eterna.  
 Não te é bastante o conseguir triumphos  
 No longo estadio d'arte que percorres:  
 Não te bastam laureis, ganhos n'arena,  
 Onde muitos succumbem, invejosos  
 Dos alheios trophens: actor insigne,  
 Queres á gloria, que o teu nome eleva,  
 Mais um titulo junctar. Como s'estreitam  
 As relações tam fraternaes, tam caras,

Entre os orgãos fieis d'artes differentes,  
 Que, não sendo rivaes, diversos campos  
 Teem a lavar sollicitas?!—Que importa?—  
 Essa augusta aliança que as sustenta  
 Falla tam alto que não ha quem possa  
 Despeçar-lhe a base em que se firma.  
 Tu a comprehendeste, sim, tu que sincero  
 Vens off'recer aos teus irmãos o auxilio  
 Do amplo talento que o porvir te aponta  
 Esplendido e loução: tu vens de novo  
 Fortificar essa adhesão ditosa,  
 Que interpretes do grande Gutemberg  
 Folgam de consagrar aos que na scena  
 São como tu legitimos herdeiros  
 Da fama de Lemaitre inextinguivel.

Eis, ó Germano, o cordeal tributo  
 D' affecto e gratidão que te rendemos:  
 Tam espontaneos, tam singelos votos  
 Não se modelam pela vã linguagem  
 Da lisonja fallaz! Nunca se aviltam  
 Expressões que do merito distincto  
 Sabem somente demonstrar o apreço.  
 —Que o Céu te guie sempre abençoado  
 Na carreira da gloria, e que ten nome,  
 Nome de artista insigne e prestante,  
 Passe querido aos seculos vindouros!

*A. R. de Torres Bundeira.*

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

**Soneto.**

Germano, o nome teu faz tua gloria,  
Teu nome no Brasil já celebrado:  
Como aurora que surge em céu dourado,  
Na scena brilhas, brilharás na historia.

Dos fôfos charlataens da vil escoria  
Suffoca o grito infrene, o rouco brado:  
Na scena tens um throno abrilhantado,  
Um sceptro tens no templo da memoria.

Avante ! avante ! oh ! astro protector !  
Artista transcendente, herôe sem par,  
Do theatro, feliz restaurador.

Avante ! avante ! oh ! genio singular !  
Da natureza eximio imitador,  
Da scena brilho e anjo tutelar.

*Manoel Rodrigues do Passo.*

---

CANTO

AO ILLM. SR. CAVALLEIRO GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.

\* . . . . . —Vinde, oh vates ! !  
\* Vinde, oh ! Gemos, honre a Terra nossa !!!  
\* Fuja a discordia e odio; de nós fuja  
\* Essa inveja mortiz, que tudo estraga,  
\* Essa inveja que rãe, não edifica;  
\* Essa inveja que impede que se louve  
\* . . . . . O MÉRITO & A VIRTUDE !!!

Deixa, oh Santa Verdade, os Céos immensos,

Vem afinar-me a Lyra,  
 Que a dextra que jamais queimara insensos  
 Nas aras da mentira,  
 Não pôde desta sorte acostumaila  
 Extrahir doce voz harmoniosa  
 Da Lyra desditosa,  
 Que pela tua mão não for locaila.

.....  
 Os olhos de chorar, quasi sem lume  
 Ao amplo solo sen dirige afflicta:  
 Contempla os edificios que a circundão  
 O theatro observa omle o renome,  
 Do Tragico FLORINDO retumbava,  
 E do novo Athleta vendo a Fama,  
 Lagrimas novas soluçando verte,  
 Filhas da dôr pungente que lhe causa  
 A saudade daquelle que a não via.

Cansada de gemer, e sempre afflicta  
 Por desgostos asperrimos: pungida  
 Em tristonho silencio definhava  
 Quando a sorte sensivel á seus males  
 O desprazer lhe mnda em gosos novos.

O GENIO cuja ausencia lamentava,  
 Surge entre nós, de novo annunciando  
 Ao povo as scenas que praser lhe davão,  
 Infundindo-lhe santo enthusiasmo.

Nova tarefa inceta o Genio raro  
 Arrancando das ruinas esse palco,  
 Onde mil louros recebera ufano,  
 «De VOLTAIRE, de GARRRT, e de RAGINE  
 «E MOLIERE á fama como dantes  
 MELPOMENE outra vez exalta a scena.

«Eil-o de novo sobre a arena angusta  
 «Onde pasmados lá do Etereo Assento  
 Os ACTORES MAIORES E CONTEMPLÃO  
 Das fronte as verbanas arrancando.

Eil-o em scenas de amor gerando amores,  
 «Em scenas de alegria a dar praseres  
 «Pranto excitando em scenas de tristezas,  
 Furioso, furores defundindo,  
 Pacifico, de paz filtrando as almas  
 Já vencedor grande, misero vencido  
 «Soldado, general, pastor sob'rano,  
 «Deos, ou demonio, fêra ou cordeirinho,  
 E sempre grande sempre admiravel!!  
 «Em que tempo TALMÁ FOI TÃO SUBLIME?!

Vai: e quando enfurecido,  
 O mar as ondas erguer,  
 Ergue um canto enternecido;  
 E o mar, sem se mover,  
 Desejando admirar-te,  
 Sumirá para escutar-te  
 Nos abysmos o furor;  
 E este feito sem segundo  
 Soará por todo o mundo  
*Na lyra do Trovador.*

.....  
 Parti...Parti...Que o Céu propicio seja  
 Ao teu futuro que sorri de glorias!...  
 Jamais sofre o aquillão...jamais se offusque  
 O brillante pharol, que hade mostrar-te  
 A altiva Olinda, do soberbo Lameirão

.....  
 Parti...e que o oceano sempre calmo  
 O lenho em possuir, onde estiveres,  
 Orgulhoso se ostente, abindo estrada



À sua bem feliz velocidade ! . . . .  
 Parti . . . Parti . . . E a briza assaz fagueira,  
 As vellas enfunando dessa quina,  
 Que em torio de ti sempre bafeje ! . . .  
 Mas ali ! se acaso escuta-me as pungentes  
 Sensações que me opprime peito calma,  
 Não prolongues demora nessa ausencia !  
 Voltaí de novo àquelles, de quem levas  
 Sympathicas affeições, grata amizale ! . . .  
 Retrocedei de novo ao teus amigos  
 Que curtindo a saudade hão de constantes  
 Pedir ao Céu adita, a flicidade  
 De breve te abraçarem te pedindo  
 Que não mais de seus braços te separar ! . . .

.....  
 Sandamos, a dicta do Bardo que aspira

As cordas da lyra

Sonora vibrar,

Em honra daquelle que muito merece

E a Scena conhece

No seu recordar !

Oh ! GERMANO hoje que cinges a corôa,

Que tanto te convinha,

Perdoa voz que sôa

Tão mal em teu louvor ! A audacia minha

É só nascida do desejo ardente

Que tenho de louvar teu nome ingente !

---

SONETO

DEDICADO AO ARTISTA GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, DIGNO EMPRE-  
 ZARIO DO THEATRO SAM LUIZ DO MARANHÃO, NA NOITE DO SEU BE-  
 NEFICIO, EM 13 DE JUNHO DE 1854.

Deo-te a natura um genio portentoso,

De viva inspiração fez-te presente;  
 Na tragedia, comedia és igualmente,  
 Ó GERMANO feliz, maravilhoso !

Deixa fallar o perfido invejoso  
 Mentidas expressões, qu'elle não sente;  
 Se mediocre te chama, diz-lhe—mente—  
 Outr'ora em scena t'applaudio gostoso !

O genio altivo que te deu Natura  
 Ha de viver na sacra eternidade,  
 Encerrado não fica em sepultura.

È esse genio dom da Divindade,  
 Inda vela por ti, por ti só cura,  
 Ten nome vivirá em toda idade !

---

AO SUBLIME ARTISTA

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, NA NOITE DO SEU BENEFÍCIO.

Saído o genio da scena,  
 O insigne Germano,  
 Que intrepido e soberano  
 Collhe os louros da victoria;  
 Saído o heroe decantado,  
 O artista sublimado,  
 Cujo nome está gravado  
 Em aureas lettras na historia !

Ei-to de fronte elevada,

A dominar este povo  
 Que lhe offerece de novo  
 Novas c'róas e laureis !  
 Ei-lo, nobre, magestoso,  
 Qual monarca imperioso  
 Que contempla poderoso  
 A multidão a seus pés !

Accita, oh genio da scena,  
 Accita a ovação sincera  
 D'um povo que te venera,  
 Que diz teu nome com pasmo !  
 Accita meu pobre canto,  
 Sem belleza, sem encanto,  
 Nascido d'alma no entanto,  
 N'est' hora de entusiasmo !

*Java.*

---

SONETO

AO ILLM. SR.

GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

De Melpomene, e Thalia as nobres gallas,  
 Por seres Rei da scena, assaz te cobrem !  
 Teu Merito affamado bem descobrem  
 De Talmá nos sallões egregias fallas !

Com teu porte o olhar tu avassallas  
 Corações, que, em ver-te, se ennobrem;  
 Pois que as tuas acções jamais encobrem

Meritos com que GERMANO te assignallas!

No Maranhense Palco o teu talento,  
Prudencia, Imagem, Discrição, Saber,  
De olhos e ouvidos foi grande alimento!

Saudoso vaes partir! . . . e assim descer  
À Plaga Maranhense grão tormento! . . .  
Qual seja o chamar-te, e te não ver!

---

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Salve! Templo refulgente,  
Das sabias Divas morada! . .  
Salve! Tragica Melpôm'ne,  
Que hoje exultas honrada! . .

E tu, enja fronte as Musas  
De louros te vão cingindo,  
GERMANO EGREGIO, entre nós  
De novo sejas bem vindo! . .

No Drama infausto de IGNEZ,  
Do seu PRINCIPE os amores  
Hoje na Scena avivaste  
Com as mais sensiveis cores! . .

Teu nome luzindo ha muito  
Entre os Mestres da tua Arte,  
Os laureis que já te illustrão  
Não podem Zoilos roubar-te! . .

No turbilhão dos applausos,  
 Recbe a pura Ovação,  
 Que Amigos teus, e Patricios  
 Te offertão do coração ! . .

Proseguindo no caminho  
 Para o Templo da Memoria,  
 Entre nós deixa teu nome  
 Em padrões d'eterna gloria ! . . .

*J. A. P.*

Maranhão, 20 de Janeiro de 1853.

---

SONETO.

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.

Possa er de contento arrebatado  
 Erguer a fraca voz, tomar a lyra,  
 E a Deusa de Thalia as cordas fira,  
 Para que seja Germano decantado.

No Palco onde tanto tens brilhado,  
 O Povo Maranhense te admira:  
 O teu grande saber só pasmo inspira,  
 E mereces com jus ser premiado.

Dos actores do Brasil és o primeiro;  
 A Fama o teu nome entoará,  
 Para que possa correr o mundo inteiro,

Mas quem tanto praser espathará ?  
 Germano—que em vinte de Janeiro,  
 A corôa de triumpho collherá.

## SONETO

AO EXIMIO ACTOR

GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

És Genio-Rei, Artista sublimado,  
És o Nuncem do palco brasileiro,  
És insigne Actor, és o primeiro  
Que mais louros no mundo ha conquistado.

Ten merito ha de ser sempre incensado !  
Tua fama voará ao mundo inteiro;  
E teu nome, ó illustre cavalheiro,  
Com respeito será sempre lembrado.

Avante, pois, ó genio portentoso,  
Ennobrece ainda mais tua carreira;  
Sê grande, sê feliz, sê magestoso,

Que nas paginas da historia brazileira  
Hão de inscrever o nome glorioso  
De GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

*Ricardo Francisco da Silva.*

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA,  
 POR OCCASIAÕ DO BENEFICIO QUE CONCEDEU  
 A ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA.  
 EM OBSEQUIO AOS SENHORES TYPOGRAPHOS.

..... Quem sente  
 Tem na arte—e pó nella—o amor!  
 PALMEIRA.  
 A arte faz da vida um paratzo,  
 A. P. CALDAS.

A arte é um ÷ho que encadeia os povos,  
 Fulgida estrella que illumina a terra;  
 É a mãe do genio, do progresso a fonte,  
 Amor e gloria no seu seio encerra.

Vede, só a arte suspendeu a ira  
 Desses tyranos que invadiram Roma:  
 Feliz daquelle que lhe offerece a vida,  
 E a cruz pesada nos seus hombros toma.

A arte é a vida do universo inteiro,  
 A luz sagrada que nos guia á gloria,  
 Quem sente, á arte não lhe nega os cantos,  
 Só n'arte firma-se immortal memoria.

Não sou o primeiro que desprendo um canto  
 Louvores á arte, com o electrismo n'alma.  
 A arte adoro, que me creio artista  
 Dessa que a Tasso consagrou uma palma.

Hoje que escuto o estrondar de applausos,  
 Louvando o actista que socorre o irmão;  
 Que d'entre os cardos da espinhosa trilha,  
 Jamais se esquivava de estender-lhe a mão;

Hoje que as turbas com febril delirio  
 Louvam, Germano, tua nobre acção,  
 Vendo tão junto aos laureis do palco  
 Da caridade o immortal florão;

Não posso as cordas de minha harpa, humilde,  
 Deixar que fiquem no silencio, não!  
 Que adoro a arte, e a caridade adoro,  
 E amo o artista, porque o creio irmão.

És um artista que a missão compr'heende:  
 Teu nome a fama repercute além!  
 Os teus triumphos immoldura o oiro,  
 Quem tuas glorias olvidou? ninguém.

Nesses que cheios de prazer, de gloria,  
 Apertam-te hoje, cordiaes, a mão;  
 Será eterna a gratidão, que o juro,  
 Teu nome eterno, que sinceros são!

E eu que sinto neste peito a fibra  
 Desperta ás vozes de louvores tantos  
 Supplico humilde que á grinalda d'oiro,  
 De tantas glorias, ajunteis meus cantos.

E que este bardo, cuja mente aclara  
 Um raio debil de sciencia, e escasso,  
 Te possa ousado dedicar sorrindo  
 De irmão e artista um cordial abraço:

Não posso as cordas de minha harpa rude  
 Deixar que fiquem no silencio, não;  
 Que adoro a arte quando lhe orna a fronte  
 Da caridade o immortal florão.



O HONROSO ATTESTADO QUE VAE PUBLICADO, FALLA MUITO EM PROL DO SNR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

«O Sr. Germano Francisco d'Oliveira, actor brasileiro, que veiu a esta cidade fazer seu estudo pratico na scena do theatro Normal portuguez, assim de levar a reforma da arte aos theatros que dirige no seu paiz, foi effectivamente applaudido pelo publico que em duas noites o viu executar o protogonista da GARGALHADA. A sua vocação artistica rompe atravez de defeitos que o estudo pôde facilmente corrigir, e que a perseverança deste actor vai de certo vencer. Os espectadores, avaliando merito e faltas, corôaram-lhe os esforços com merecidas palmas.

«Eis o facto, que attesto.

«Inspeção do Theatro de D. Maria Segunda 24 de Janeiro de 1856.

«O Commissario interino do Governo

«D. Pedro Pimentel de Menezes de Brito do Rio.»

Lê-se no *Diario de Pernambuco* :

«No *Diario de Pernambuco* n. 90, tivemos a plena satisfação de ver transcripto do *Diario do Grão-Pará* uma carta em que o illustrado escriptor o Sr. A. C. de Lacerda dedica ao Sr. Germano Francisco de Oliveira, o drama de sua composição—Os Dois Mundos;—agora veio-nos às mãos o jornal scientifico a *Illustração*, que se publica em Lisboa, e deparamos com um artigo da sabia redacção em que apresentando o seu juizo imparcial a respeito do distincto artista francez Charles Lamaitre, que ali se achava trabalhando no theatro Normal, jaizo no qual fazendo um parallelo entre o artista francez e o artista brasileiro, a balança da critica scientifica pende em favor do Sr. Germano Francisco de Oliveira.

«Não temos relações com o Sr. Germano, apenas seu admirador, temos ufanía de publicar o que na Europa se escreve a seu respeito e mostrar aos que outr'ora nos diziam, que allí sabe-se melhor apreciar o mérito, que foi ali que ao distincto viajante foi conferido o honroso diploma de primeiro actor brasileiro que jamais poderá ser-lhe disputado.

«Um de tantos.»

Eis o artigo da *Illustração* :

«No theatro francez teve lugar o beneficio de Charles Lemaitre que representou—*L'eclat de rire*.—Este drama, em que ha apenas uma intenção dramatica, dividida em tres actos, faltos de vida e movimento, não abona extremamente a escolha do beneficiado, cujos recursos não se quadravam com o genero do papel que preferio.

«No terceiro acto Charles Lemaitre foi applaudido mais por sympathia benevola, do que pelo desempenho de uma situação violenta e pouco propria para os verdadeiros effeitos de theatro.

«Sem desconsideração por esta sympathia que a hospitalidade recommenda, diremos que não he este dos ensaios mais felizes do actor estrangeiro. O final do segundo acto, que se distingue por uma impressão terrivel, foi interpretado muito a quem da intenção do autor. Tivhamos ouvido ainda ha pouco no mesmo papel representado em versão portugueza o Sr. Germano Francisco de Oliveira, actor brasileiro, que se apresentou igualmente no theatro normal, e he opinião de todos os entendidos, que o paralelo não é favoravel ao artista francez.

«A gargalhada que revela o delirio, na bocca do Sr. Germano, excitou uma commoção profunda. Charles Lemaitre, nesta peripezia capital, ficou-lhe extremamente inferior, não pôde haver parcialidade neste juizo, porque ambas os artistas são forasteiros entre nós.

«Ernesto Biester.»

É bem certo que o mais precioso título para um homem de mérito, para um verdadeiro artista, de coração e de talento, é a própria distincção com que elle se eleva, ganhando cada vez mais triumphos, no longo estadio que lhe está aberto. Os loiros, se os ha para um d'esses, elle os colhe sempre viçosos e perfumados, a principiar logo por esse juizo intimo da consciencia, onde não raro se deixa ouvir a voz da verdade.

Depois recebe-os jubiloso e transportado, quando as luthas que o applaudem e o bendizem apontam-lhe o caminho da gloria, derramando-lhe, ás mãos cheias, flores, thezouros inextinguiveis, no apparato sincero e resplandecente das ovações.

Entretanto, se alguns dos pauegyristas desse merito real se aprazem de trazer-lhe um dia um publico testemunho de mui cordal affeição, de enthusiasmo e respeito, quem lhes poderá impor limites a esse entranhavel sentir, que lhes rebenta do fundo do coração? Ninguem o fará. É isso um impulso generoso, é um dever, é uma lei.

Éis porque varios dos apreciadores sinceros e dos enco-miastas dedicados do illustre cavalleiro GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, que reconhecem n'elle, além d'outras hoas qualidades, um subilto talento artistico, a mais deparada manifestação do ingenho e do estudo, que elle ostenta como actor, não hesitam em offerecer-lhe hoje, reunidos e compactos, os muitos ramos singelos, que em differentes occasiões se lhe ha deposto com satisfação no altar de sua gloria. Se não sabem de preço pelo valor intrinseco, adquirem-n'o pelo objecto que symbolisam, e pela idéa que lhes transluz vigorosa e esplendida em cada um delles: adquirem-n'o ainda mais pela pessoa illustre a quem vão consagrados.

Moven-os, aos muitos amigos que elle tem,—amigos sens e do seu renome—uma aspiração nobre:—valha como a *Coroa do Artista*, que, se não é ella de sapíras e diaman-

tes, é de muita impressão viva, de muito contentamento, de muita admiração e estima.

Vá seu caminho o brasileiro que se avanteja tanto pelo sacerdocio supremo e delicioso d'arte:—siga sem susto n'esse plaino, por onde marcha bem fadado e querido; e, ao saborear os gozos que lhe está proporcionando o seu amor pela arte, a cultura dos seus natraes talentos, não se dedignará por certo, de volver mais de uma vez as folhas expressivas d'um livro d'alma,—que outra cousa não é este presente simples mas espontaneo.

Receha o artista a *coroa* que lhe cabe: dam-ll'ra de co-  
ração amigos e apaixonados seus.

*(Este artigo é o prologo de um folheto onde vem collec-  
cionadas muitas poesias dedicadas ao Sr. Germano Fran-  
cisco de Oliveira).*

---

#### ELOGIO DRAMATICO.

RECITADO POR GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, ADMINISTRADOR E  
EMPRESARIO DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Ó 18 de Maio anni-salgente,  
Exhultando com nosco um pôvo inteiro,  
Nós te vimos saudar de prazer cheios!  
Em nossos corações vaes ser gravado,  
Como um dia feliz, que nos trouxera  
Ingente soma de prazer celeste,  
E como um recordar de fasto e gloria,  
Que p'ra sempre será em anrea pagina  
Da brasileira historia memorado!  
Como o vejo risonho e prasenteiro  
Festejado da propria natureza!  
E nas arvores sabiá saudoso,

O saúdam com hymnos d'alegria!  
 Redobrando em belleza as flores todas  
 Lhe enviam seus balsamicos perfumes!  
 Ah! eu sinto pulsar dentro do peito  
 De puro gozo o coração tão cheio!  
 A snáve effusão, que enche minh'alma  
 Sinto-a assomar aos labios meus nest'hora!

De densa escuridão rasgando as trevas,  
 Que a tantos annos ha, que escurecia  
 O brilhante fulgor d'uma arte excelsa,  
 Eis que enfim resurgio este aureo dia,  
 Marcando em Pernambuco a nova era  
 D'essa arte singular, qu'aos homens mostra  
 Aurada lição dos bons costumes,  
 No palco-scenico a seos olhos dando  
 Qual espelho fiel, a imagem sua!  
 Por protecção, e esforços incansaveis  
 Do illustrê magistrado, e benemerito,  
 Que o leme do governo ha dirigido  
 D'esta bella Provincia esclarecida  
 Ven poisar entre nós a augusta Scena,  
 Nova escola dramatica off'recendo  
 De Pernambuco ao respeitavel publico,  
 Neste novo edificio consagrado  
 A mister tão augusto, e ennobrecido!

Minh'alma de-prazer toda se inunda  
 De convosco saúdar este aureo dia,  
 Que de novo surgio p'r'a nobre Scena,  
 —Da virtude e moral potente esteio.  
 A sorte para mim assás propicia  
 A direcção me deu da Nova Escola,  
 Que aqdi nesta provincia hoje se instaura;  
 Mas justa protecção de vós espero

Nesta empreza arriscada, e trabalhosa,  
 Que a meus hombros tomei bem tenacoso,  
 Que, quanto em mim couber, os meus esforços  
 Por certo hei de invidar até que possa  
 Cumprir minha missão tão espinhosa!

Bem esperançoso estou que o nosso augusto,  
 Benigno Imperador—Pedro Segundo  
 Do progresso das artes e sciencias  
 Attento zelador—potente escudo  
 Por certo ha de tambem prestar apoio  
 A' magestosa scena, onde se mira  
 A humanidade toda, nella vendo  
 De paixões desvairadas os effeitos:  
 O rei, o magistrado, o pobre, o rico,  
 O pae, o filho, esposo, amante, amigo,  
 Todos n'ella lição, exemplos colhem.  
 Oh! quão sublime qu'è esta arte augusta,  
 Deleita, instrue, exemplifica a um tempo!!  
 Planta os remorsos do traidor na mente,  
 Ao ver elle na scena a imagem sua,  
 E os effeitos cruezs do mesmo crime,  
 Que porventura tem no fundo d'alma!  
 Ella aponta tambem o scelerado  
 Com buído punhal rasgando o peito

De seu amigo p'ra roubar-lhe o ouro!  
 Ao juiz, qu'è venal, mostra os tormentos,  
 Qu'elle fez supportar aos innocentes;  
 Ao potentado aponta as consequencias  
 Do abuso do poder, que commettêra  
 P'ra paixões suciar indecorosas!  
 A esposa infiel mostra os seus erros,  
 Qual seu castigo enorme, e seus effeitos,  
 Noutra esposa infiel, como ella, em scena!

P'r'o crime corregir ella presenta  
 Os seus horrores em medonho quadro;  
 P'ra no peito plantar cara virtude  
 Em formosos paineis descreve e pinta  
 Suas magas doçuras, seus encantos! . . .

Seja sempre p'ra nós este aureo dia,  
 Em que de Pernambuco heroico e bello  
 O formoso theatro inaugurou-se,  
 E em que tambem plantou-se a nova escola  
 Da virtude, moral, e dos costumes;  
 Um doce recordar d'almos delicias,  
 De suave effusão branda, innocente,  
 —Um dia de praser, em que possamos  
 Dar suave expansão aos nossos gozos  
 Em bem fagueira paz—doce folgaes;  
 Ah! praza aos céos enfim que um dia seja  
 De grato anniversario, em que possamos,  
 Bem como agora neste, presenteiros  
 Mil hymnos enviar à patria, ao mundo,  
 Ao nosso Imperador Pedro Segundo!

F. A. FERREIRA LIMA.

---

#### ELOGIO DRAMATICO

Monumento honrador de Grecia, e Roma,  
 Quando Roma existio, quando houve Grecia,  
 Surge, avulta entre nós, honrando as Artes.  
 Surge, infano de gloria, eleva aos Astros  
 A fronte altiva, que às Idades mostra  
 Do seculo o saber, a luz, e o nome.  
 Monumento honrador, que aformozenta



Hum paiz, onde as Graças folgão, brincão,  
 Onde o genio reluz, e desenvolve,  
 Mimos, e graças, que lhe deu Natura:  
 Onde brando serpeia, sussurrante,  
 Capibaribe ameno, encantos todo;  
 Aqui, onde a Moral, erguendo o braço,  
 Aponta os vicios, e as virtudes marca,  
 Onde o crime, assombrado, e espavorido,  
 Apparece, qual he, medonho, horrivel;  
 Aqui, onde a verdade fulge, e brilha,  
 E Independente, altiva, a voz delata,  
 E, ferindo o perverso, os bons ampara,  
 Tereis aqui a norma, o typo excelso,  
 Dos costumes, que as leis mantem no Globo.  
 São os Theatros da Moral a escolla,  
 O Povo indocil retratado observa  
 O erro, o crime, que se espraia e lavra,  
 Em sen gremio, nas classes, que são suas:  
 Do virtuoso ali virtude aprende,  
 Dos mãos tambem ali aos vicios foge.  
 O hypocrita feroz, despido assoma  
 Desse véo seductor, que illude os homens.  
 Ambicioso, e sordido avarento,  
 Vê, que o céu vingador transtorna, abraza,  
 Gofres, thesouros, que a injustiça esconde.  
 Hum só vicio não ha, nem ha virtude.  
 Que escape aos traços, ao vigor, e á força,  
 Do mimico pincel, que a Scena esmalta.  
 Nos Céos de Olinda, jubiloso um dia  
 Raiou aos filhos, que em seu seio habitão,  
 Um dia de prazer, suave, e puro,  
 Como as delicias, que nos Céos rodeião  
 O Throno excelso do Monarca Immenso,  
 Que em salas de crystal esteia as bases:  
 Onde mares de luz rebentão, correm



Da face augusta, que illumina os orbes,  
 Que leilos gyrão na extensão do espaço.  
 Hermeto, cujo nome o Imperio acolhe;  
 De saber, de virtude, ornado sempre,  
 Do Senado Brasilico o esmalte,  
 Firme esteio do Throno, e à Patria caro;  
 Hermeto para os bons, a gloria, o typo,  
 Grandioso projecto, e excelsa empreza,  
 Fervendo em zelo, aperfeiçoa, ultima.  
 Aqui, o nome seu será gravado,  
 E o tempo tragador, de assomlro cheio,  
 Retrocedendo a rapida carreira  
 De seu carro veloz, submisso à Gloria,  
 Ao fulgor do saber, da Intelligencia,  
 Ha de illeso deixar virtudes suas.  
 Que brilhante porvir os Céos lhe aguardão!  
 Na lista dos Heròes seu nome avulta:  
 Com elle exulta, oh! Patria! Olinda exulta.

*F. Ferreira Barreto.*

---

HIMNO.

1

Salve, ó Pedro, que protege  
 Este Imperio tão gentil!  
 Salve, ó dia memoravel  
 Para a Scena no Brasil!

ESTRIBILHO.

Deus proteja nosso Augusto,  
 Nosso Caro Imperador  
 Para gloria do Brasil,  
 Que lhe vota grato amor.

## II

Nossas almas se repassam  
 De alegria e de prazer  
 Neste dia consagrado  
 À Scena que vaê nascer.

Deus proteja nosso Augusto, &c.

## III

No Brasil Pedro Segundo  
 Sabe as artes animar,  
 Sabe dar valor às lettras,  
 As sciencias cultivar.

Deus proteja nosso Augusto, &c.

*F. A. Ferreira Lima.*

## AO ARTISTA GERMANO.

Ergue essa fronte tanto loureada,  
 Artista nobre, á modestia afeito,  
 E ao zoilo vil, que detractar-te ousado,  
 A ponta a insignia, que te orna o peito.

Não é comprada com servil baixeza,  
 Nem açções vis o brilho lh' escurece:  
 É justo premio que o monarcha ontorga,  
 A quem por sabio, ou honra lh'a merece.

E vós, artistas, que seguís o genio,  
 Tão perseguido pela inveja vil:  
 Recebei bravos, que vos dá leal  
 Um amador das artes do Brasil.

## A SUA FELIZ CHEGADA Á PERNAMBUCO.

Germano, esse genio que ostentas na scena,  
 Que aos astros te eleva, Actor primoroso,  
 E' genio sublime, dos céos emanado,  
 Que excelso te torna, Actor grandioso.

Se acaso suave dos labios desprendes  
 A voz que deleita, encanta, extasia,  
 É tudo perfume no palco brasileiro,  
 Que della rescende na grata harmonia.

Do grande Bocage, ao excelso Camões,  
 Quem dera-me o genio, quem dera-me a lyra,  
 P'ra hoje cantar-te perante este povo,  
 A quem só teu nome fervor grato inspira.

Mas eu que entre as musas um nome não tenho,  
 Apenas te offerto singella canção;  
 É ella reflexo dô que n'alma sinto,  
 É só de meus labios fiel expressão.

\* \* \* \*

## PARODIA.

S'eu fôra um Poéta de lyra sonora,  
 Artista sublime te havia cantar:  
 S'eu fôra de louros virente corôa,  
 Sob'rano do palco te havia c'roar.

S'eu fôra um raminho de lindos jasmims,  
 Quizera tua frente, Germano, adornar:  
 S'eu fôrâ da fama trombeta immortal  
 Teu nome aos vindouros quizera levar.

Não sou, grande artista, poeta, nem c'rôa  
 Nem lindos jasmins, nem tuba da fama:  
 Sou fraca mulher que te hoje admira  
 O genio sublime, que grande te aclama.

POR UMA PERNAMBUCANA.

---

SONETO.

Desse artista mesquinho a falsa *gloria*  
 Não chega á gloria tua sem *rival*.  
 De teu genio sublime e sem *igual*  
 No mundo durará sempre a *memoria*.

S'elle ousado roubar pretende a *gloria*,  
 Na satyra amestrado e sem *rival*,  
 Despresa-o nobre genio que outro *igual*  
 Não ha que offuscar possa-te a *memoria*.

Despresa-o; deixa-o; qu'è elle em furia *aceso*  
 Qual pequeno reptil, sem luz, sem *norte*  
 Dos homem sò merece alto *despreso*.

E como outro não ha que nos *transporte*  
 No paleo como tu: com um *sorriso*  
 Zomba da *serpe vil*, zomba da *morte*.

F. A. Cesario d'Azevedo.

---

AO INSIGNE ARTISTA DRAMATICO GERMANO FRANCISCO DE  
 OLIVEIRA CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA.

Por entre estas flores que entrançam-se bellas,  
 Accêita, GERMANO, tambem esta flor,

Bem pobre se perde por entre as capellas  
Que adornam-te a fronte d'altivo primor.

Nem pobre è o *bravo* que cheio de pasmo  
Do peito se expande, derrama-se n'alma !  
Tão pobre que importa descrente marasmo,  
Tão pobre, me pesa, brasilico Talma.

Mas d'alma è nascido, possui nobre origem,  
Que alma do bardo reflete, retrata;  
Não penso, não sinto na ardente vertigem  
Que prende, que enleia, que encanta e arrebatá.

Quem viu-te em D. Cesar—pasioni infallivel,  
No Pedro ás plateas, GERMANO, electricas,  
No amante de Branca pintar-te? —è impossivel !  
Se o Kean desempenhas, o Kean rivalisas.

Chegaste n'õ paleo pasmastè ás plateas,  
Si ris todos riem, si choras lá choram;  
Na turba a virtude, GERMANO, tu creas,  
Os homens te invejam, as damas te adoram !

Que o Genio na terra se torna um Messias~~o~~  
—Bem como suppoz-se gentil Promethèu.  
Que fracos, querendo, de heroes tornarias,  
Que um animo forte de um fraco nascen.

Si vim n'este dia por entre este povo  
Trazer estas flores que aos pés te deponho,  
Sei,—foi ousadia,—porèm, cantor novo  
Desculpa mereço de todos, supponho.

Por entre estas flores que entrançam-se, hellas,  
Acceita, GERMANO, tambem esta flor,

Bem pobre se perde por entre as capellas  
Que adornam-te a fronte d'altivo primor.

*C. Monteiro.*

---

POESIA

OFFERECIDA AO EXIMIO ACTOR G. ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA, NA NOITE DE SEU BENEFICIO NO THEATRO DO PARÁ, EM 7 DE MAIO.

Quem ama da madrugada  
Os exquisitos odores,  
Com que toda perfumada  
Faz sentir no peito amores;  
Obrigando a triste lyra,  
Que oppressamente suspira  
A fallar ao coração  
E d'alma insensivelmente  
Aos labios em tom cadente  
Traz-lhe amena saudação;

Quem com a aurora se deleita  
Vendo-a formosa naseer.  
Com a rubra côr que a enfeita,  
De Deus se crendo no SER;  
E então desfere o plectro  
Na harpa sonoro metro  
Ao poder do Creador;  
Perdendo-se a mente toda  
Dos horisontes em roda  
De tudo vendo o Senhor;

Quem ama o astro do dia,  
Percorrendo a immensidade

Ao mundo dando alegria  
 Com sua delia claridade:  
 Astro dos astros primeiro,  
 Refulgente e altaneiro,  
 Nossa existencia marcando;  
 Circulado de fulgores,  
 Alimento dando ás flores,  
 Ao seu viver ledo e brando;

Quem ama da tarde estiva  
 O magestoso arrebol,  
 A alma tendo captiva  
 No occidente ao pôr do sol:  
 Se recreando com a brisa,  
 Que suave se deslisa  
 Pela terra entre os viventes;  
 Com o murmurio da fonte  
 Nascida d'alpestre monte,  
 D'ondê desfaz-se em torrentes;

Quem ama o cên recamado  
 De mil fulgidas estrellas,  
 E o rosto prateado  
 Da lua por entre ellas;  
 Ou o fugaz pyrilampo  
 Noctivagando n'um campo,  
 Semeado de boninas:  
 Ou as florinhas minúsculas  
 Delicadas e odorosas,  
 Sorrindo em verdes campinas:

Quem tanto sente, poderá  
 Não sentir mil emoções?  
 Ter o peito d'uma fêra,  
 Quando tudo é sensações?

Ser tamhem indifferente  
 Á um fogo tam ardente,  
 Que das entranhas exhalas,  
 Quando dizes tyrannia,  
 Refalsada hypocrisia,  
 Se retrahido nos fallas?

Quando tí te identificas  
 Com o papel, que representas?  
 Quando hem significas  
 Horrillas scenas cruentas?  
 Se nas comedias, nos dramas,  
 Se nas tragedias declamas,  
 Quem pôde ouvir-te impassivel,  
 Ora branda, ora estridente  
 Dos labios a voz pendente,  
 Ou snave, ou irascivel?

Avante em tua conquista,  
 Gigante, cumpre o teu fado!  
 A nobresa do artista  
 É dos cêns dom sublimado!  
 Vai alem, buscando o mundo,  
 Com teu talento profundo  
 Nos peitos verter paixões;  
 Que serás grande na scena,  
 Qual transcendente na penna  
 O desditoso CAMÕES!

F. R.

OFFERECIDO AO ARTISTA  
 GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.

Humilde tributo ao merito.

Se digno de ti fosse meu canto  
 Eu quizera em tenue verso decantar-te;



Quizera em branda lyra um son benino,  
Um son ainda timido offertar-te.

Mostrar-te o quanto amigo, inda de longe  
Tu tens um coração que sabe amar-te.  
E n'esse arroubo meu dar-te meus votos,  
Um son ainda timido offertar-te.

De mimoso vergel, de lindas flores,  
En quizera uma grinalda p'ra c'roar-te;  
Se tivesse dourada, eburnea lyra,  
Um son ainda timido offertar-te.

Mas, que podem versos meus, mesquinho canto  
A ti que tens a fama p'ra louvar-te?! . . . .  
Que podem murchas flores, ao artista?  
Anhelos que só tenho p'r'offertar-te?! . . . .

E' forte o meu desejo, escassa a mente. . . .  
Não posso em throno excelso collocar-te. . . .  
Não posso dar-te mais que humildes trovas. . . .  
Um son ainda timido offertar-te.

O genio que é só teu, em ti se nutre. . . .  
Em ti s'ostentão muitas gloria e fama. . . .  
E' onde os altos nomes 'stão escriptos,  
O teu em brilho d'ouro se proclama.

S. C.

Rio de Janeiro 3 de Janeiro de 1838.

POR OCCASIÃO DO BENEFICIO CONCEDIDO  
À ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA.

Eu vejo no artista que a scena aluirlhanta  
Um astro que avulta no patrio horizonte:

Si os genios ao Talma prestarão-lhe cullos,  
Ao genio brasileiro curvemos a frente.

Eu vejo no artista que os braços estende  
Em prol do progresso, da lei social,  
O laço que prende de irmãos no hanquete  
Diversos apóstolos da grey fraternal.

Naquelles que os elos das artes apertão,  
Beirosos atletas eu vejo tambem:  
Bem hajão artistas que ardentes procurão  
No tempo das luzes o nome que tem.

Nas letras encerrão-se as varias sciencias,  
Que os sabios somente poderão guardar,  
Si as artes aos typos não fossem ligeiras  
Té mesmo aos extremos da terra as levar.

Bem hajão artistas que ardentes procurão  
No seio das luzes assento brilhante:  
Mil c'roas de flores às plantas rojemos  
Do genio colosso do palco gigante.

Eu vejo no artista que a scena abrilhanta  
O genio que o povo saúda com palmas,  
Que assento de gloria gaulon primoroso  
No throno dos Dumas, no solio dos Talmas.

Recife, 8 de Abril de 1858.

*J. M. Alves Cavalcanti.*

AO SUBLIME ARTISTA, PRINCIPE DA SCENA BRAZILEIRA,

**GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA.**

Na noite de 20 de Janeiro de 1858.

Genio! Genio! sem par! sublime artista!  
Grandioso portento da natura,  
Que o palco resplandez!

Essa gloria immortal que tens creado  
Que te inspira o saber, o genio e arte,  
Ninguem pôde ofuscar-te.

Quando te ostentas creador perfeito  
Da escola normal, moderna escola,  
Quem, quem pode igualar-te ?

Não receies rivaes. . . rivaes não tens,  
Tens apenas a inveja que remorde  
Mesquinhos corações.

Avante, pois, artista consumado,  
O futuro te aguarda, esperançoso,  
De glorias perenaes.

Caminha altivo que a patria te proclama  
Filho querido, sustentaculo firme  
Da arte que professas !

És genio ! és immortal ! em ti reunes  
A tão alto saber, rara virtude  
A sublime modestia !

Rio de Janeiro. 20 de Janeiro de 1858.

---

ODE

AO INSIGNE ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Na noite de seu beneficio no theatro de S. Luiz.

Em balde intenta a macilenta inveja  
Rábida e fera, emmurcheccer-te os louros;  
Mais pôde do teu genio a fama ingente  
Que o misero despeito. . .

Se hoje a calúnnia, prole vil do inferno,  
 Com baldouens te accomette infamadores,  
 Não te pèze. GERMANO, essa foi sempre  
 A sorte do talento!

Não te pèze! . . . não vês que o raio invade  
 De preferencia alcáçares sublimes?!  
 Mas, seguro de si, o varão forte  
 Seus furores despresa. . . .

Valor, GERMANO, na escabrosa senda  
 Que ousado trillias com donoso garho;  
 Avante! o povo é justo e te contempla  
 O primeiro na scena;

Não ves como te applaude e victoria?  
 E chovem sóbre ti lanreis fulgentes?  
 Que vale, a par d'esta ovação brilhante,  
 De gózos o ladrído?

Miseraveis ! . . . que faz que elles te opponhão  
 Rivacs que só na mente fantasião?!  
 Quem direito lhes deu, vis mercenarios!  
 De contrastar o genio?!!

Se conheces rival, sómente é esse  
 Que ao longe brilha, na fluminea scena;  
 Qual outro no Brasil tem devanéo  
 Em desputar-te a palma?

Eia! prosegue, artista primoroso,  
 Junta novos florens ao teu diadema:  
 Enche a nós de praser, de raiva os gózos  
 Que impotentes te ladrão. . . .

TRIBUTO DE GRATIDÃO POR HAVER GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA  
CONCEDIDO UM BENEFÍCIO AO ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA DA ILHA  
DE SAN' MIGUEL.

Tu, que estendes a mão para a indigência,  
Que à infancia desvalida auxilio prestas,  
Vai sempre, em meio ás glorias da existencia,  
Provando aqui—além—virtudes destas;

Cobrir dos membros a nudez do pobre,  
Dos olhos enclugar-lhe o vero pranto,  
Dar pão ao que tem fome—é sancto, é nobre;  
Mas si é dado á orphandade, é mais que sancto;

À tua historia, generoso artista,  
Junctaste um louro mais, singelo e puro:  
As preces infantis—bella conquista,  
Que ha de salvo levarte ao teu futuro.

Lá então os meninos desvalidos,  
Tornados homens pelos teus favores,  
Ilão de, votos de amor, enternecidos  
Tua memoria coroar de flores.

---

SONETOS.

Qual no dia primeiro te has mostrado  
Na scena, actor sublime e primoroso,  
Tal te ostentas agora magestoso  
Sobre esse mesmo palco que has honrado;

Deixas o Maranhão, mas um só brado  
De louvor te acompanha, e bem saudoso...  
Artista como tu, tão primoroso  
Tem jus por muito tempo a ser lembrado:

Se ousou a negra inveja, n'um momento  
De perdula rasão, negar-te o preito,  
Devido ao teu real merecimento,

Presto foi seu esforço em pó desfeito !  
Pois hoje ao teu saber, ao teu talento,  
Pagão todos tributo de respeito.

---

Só fóra de Camões o estro ardente·  
Vero cantor das emoções que excitas;  
De Camões immortal, cujas desditas  
Rememoras no palco vivamente;

Camões, que viu trocailas de repente  
Por ternas affeições, mágoas afflietas;  
Camões, morto de angustias infinitas,  
Pela sorte da patria descontente.

Baldada aspiração !... Da ingente lyra.  
Apenas nos repete a lusa lústoria  
Os cantos divinaes que desferira.

Porem saiba o universo, p'ra memoria,  
Que, se n'alma do actor Camões respira,  
Como teve Camões, o actor tem gloria !

---

Mais outra vez mais grato e mais garboso,  
Resurge em nosso palco vacitante,  
Exímio cavalleiro, o heroe prestante,  
Rico de gloria de renome honroso.

Bem vindo seja o nobre actor mimoso,  
 Bizarro em tudo, em tudo insinuante;  
 Da natura fiel representante,  
 Egregio, intelligente e portentoso.

Bem vindo seja e entre nós resida,  
 Resida para sempre, e sempre ufano,  
 Leve sempre os seus Zoilos de venênda.

Vindo ao povo seu Pernambuco,  
 Venha, venha trazer-nos nova vila  
 Habitar entre nós, venha Germano.

F. R. M.

Da mizerrima Ignez, o grande esposo,  
 Trouxeste vivo á bahiana scena,  
 Quer na frase de amor tida e serena,  
 Quer das paixões no impeto feroso.

Do Lusó Homero cujo fim penoso,  
 De ingrato e fero a Portugal condemna,  
 Quando elle brillou com a espada e penna,  
 Na scena tu brillaste, actor famoso.

De Aljubarrota no sublime page  
 Tanto agora te ergueste, que inspiraste  
 Men éstro a te render esta homenagem.

O genio de Leal com o teu honraste,  
 Àvante fluminense, eia corage  
 Tens nome em tua patria, isto te basta.

Bahia, Maio de 1848.

FRANCISCO MENIZ BARREIRO.

Altivo despresando o zoilo insano,  
 D'elle tens nobremente triumphado:  
 O povo que te tem apreciado,  
 Te aclama o rei do palco Americano.

Não te importe este bando deslumano,  
 Que tem o genio teu abocanhado:  
 O louvor que te dão não é comprado,  
 É devido a teus dotes, ó GERMANO.

O teu nome será sempre applaudido;  
 Como artista sublime e sem igual,  
 Serás em todo o mundo conhecido.

Ao teu genio não tens um só rival:  
 Louvores que te dão has merecido:  
 Tú és da nossa scena astro immortal.

A. B. GITIRANA COSTA.

Mais um verde laurel hoje ganhaste,  
 Laurel que te dá gloria, e dá renome;  
 O tempo que voraz tudo consome  
 Respeitar ha de o nome que illustraste.

Obrando com o vil zoilo como obraste,  
 Tú fizeste immortal o teu renome;  
 Germano ennobreceste já teu nome,  
 Mais laureis gloriosos tu ganhaste.

Serás na nossa scena engrandecido  
 E enquanto o sol á terra der fulgor  
 Tú serás no Brasil sempre applaudido.

De Pernambuco o povo com ardor



Applausos mil te dá, que has merecido  
Tu do nosso theatro creador.

A. B. GITIRANA COSTA.

---

À gloria, actor sublime, à gloria, à gloria,  
Ó de Talma rival, Nume da scena.  
Quando gemes d'amor, carpes de pena,  
No pulco imperas, fulgirás na historia.

Já gosa o nome teu d'alta memoria,  
E brilha, quanto brilha a flor amena;  
Longe, longe o pavor, em paz serena  
Conquista, os louros teus na grãa victoria.

No formoso Brasil, puro, e jocundo  
Uma aurora fadou-te de ventura,  
Ó da sceny prodigio sem segundo.

Teu nome entr'os heroes brilha e figura,  
Apesar do rugir do zoilo immundo,  
Avante actor sem par, eis fulgura.

JUVILINO ARMINO DE BARROS CORREA

---

O teu nome, Germano, e a tua gloria  
Intactos volverão á eternidade;  
E, sem temer do tempo a edacidade,  
Eterna se fará tua memoria.

Brilhante, honrando as paginas da historia,  
Como hoje avultarás em toda a idade;  
Como tí outro artista jámais hade  
Contra os zoilos ganhar alta victoria.

Tu venceel-os soubeste: eia prosegne  
 Nessa estrada brilhante, que encetaste,  
 Que teu genio mil louros já consegne.

O nome e alta fama, que ganhaste,  
 São remorso pungente que persegue  
 Os inimigos teus, de quem zombaste.

C. D'AZEVEDO.

---

Descei do Olympo, muzas da memoria,  
 C'roadas de jasmim rozas e louros,  
 Das lyras divinaes as cordas d'ouro,  
 Feri cantando de Germano a gloria.

Fazei que aureas paginas da historia  
 O seu nome ao seculo vindonro  
 Seja para o artista um thesouro  
 Em genio, em saber, em honra e Gloria.

Neste momento em que de nós se ausenta  
 Recba e guarde este hymno que amizade,  
 Não filha do interesse lhe apresenta.

Elle exprime tambem nossa saudade,  
 Com elle sua gloria mais se augmenta  
 Com seu nome que irá á eternidade.

---

De tua longa ausencia já sentido  
 Este povo, que ves aqui saudoso,  
 Vem hoje de applaudir-te desejoso  
 Mostrar que nunca foste esquecido.

Se um nome immortal e merecido

Em Recife alcançaste, actor famoso,  
 Este povo que te estima, glorioso  
 Este nome repete, actor querida!

A sorte que hoje em scena te ajuntou  
 Àquelle que do povo do Janciro  
 Sempre applausos e louros alcançou.

Te mostra o enthusiasmo verdadeiro  
 De quem contente hoje te aclamou  
 Um dos heroes do paleo brasileiro.

P.

Erguei-vos povos, e dizei pasmados;  
 Eis o artista rei, rei dos actores.  
 Queimai-lhe insensos offertai-lhe flores,  
 Templos erguei-lhe de festões ornados!

Da scena patria nos annaes marcados,  
 Seus feitos vêjo com eternaes côres,  
 Saulando o genio divinaes cantores,  
 —Germano—dizem, dizem transportado,

Artista eximio, singular, fecundo,  
 Quem pode ver-te sem sentir no peito  
 Arroubo extremo sem igual profundo.

Da scena o espaço te parece estreito,  
 Teo genio avaro de alranger o mundo.  
 É mais do q'immortal mais que perfeito.



Eis sobre a scena o Genio sublimado,  
 O Rei da nossa scena emobrecido,  
 Germano, cujo nome é conhecido  
 Sobre o palco, onde tem louros ganhado.

O seu nome na historia hoje gravado,  
 Ha de ser aos vindouros transmittido;  
 E o genio, que elle tem desenvolvido  
 No palco, o fará sempre admirado.

Já gosa no Brasil de eterna gloria,  
 De fama peremal, de grande nome,  
 Esse, que avulta honrando a nossa historia.

E sem temor do tempo, que consome  
 Tudo sem attenção, sua memoria  
 A par existirá do seu renome.

F. J. F. GITIRANA.

Germano, tens na scena inteira gloria,  
 Na scena onde refulges sem rival;  
 O teu genio sublime é sem igual:  
 Jámais se offuscará tua memoria.

Ninguem tem como tu tão grande gloria  
 És do grande Taha nohre rival;  
 E na scena da Patria és sem igual;  
 Eterna durará tua memoria.

O zoilo, que te segue em furia aceso,  
 Que não tem sobre a terra sul, nem norte,  
 Nada mais nos inerece que o desprezo.

Deixa-o pois, ó Germano, no transporte

De furor, que o domina, e co'um sorriso  
Zomba da serpe vil, zomba da morte.

A. B. GITIRANA COSTA.

Sobre o palco, qual astro abrilhantado  
Ergue a fronte, ó artista, emobrecido:  
Germano, o Genio teu ha merecido  
Ser na scenã da Patria laureado.

Jã no cimo da gloria tens chegado  
Na scena, onde sem par és conhecido;  
De teus rivaes o odio, engrandeido  
Tem teu nome, ó artista subfimado.

Jãmais debes temer o zoilo insano  
Que procura, ó artista verdadeiro,  
Ahocanhar teu Genio soberano.

Tu no palco Brasileiro és o primeiro:  
És artista sem par; grande Germano  
Tu és o nosso Talma Brasileiro.

F. J. F. GITIRANA.

Te cinge mais a fronte uma corôa  
De verdejante loura, actor sem par:  
Teu nome em nossa historia ha de brilhar;  
Teu nome que no orbe já resôa.

A tuba da immortal fama apregoa  
O teu Genio, ó artista singular!  
E não cessão na patria de exaltar  
O teu nome que em toda a parte eccôa,

Tu que, grande Germano, restauraste  
O theatro, no solo meu querido,  
E com teu grande genio o illustraste;

Recebe hoje um tributo que he devido  
A ti, que a nossa scena abrilhantaste,  
A ti que tanta gloria has merecido.

A. B. GITIRANA COSTA.

Triumphas outra vez, excelso actor  
N'este palco que triste em tua ausencia  
Jamais pôde brilhar com excellencia  
Com que sempre brilhou com teu valor.

Acolhilo por nós com puro ardor  
Vem mostrar-nos a tua magnificencia,  
N'esta scena, em que tens tanta influencia,  
Um prodigio dos teus em teu louvor.

Pernambuco por ti geme e suspira;  
Nosso palco sem ti suspira e chora;  
Nossa scena tambem sem ti ilelira.

Porém nossa opinião, confesso-a agora,  
Que, se o povo Maranhense t'admira,  
Pernambuco faz mais, porque te adora.

Ei-lo outra vez na scena prazenteiro,  
Seus louros ostentando primoroso !  
Ei-lo outra vez no palco glorioso,  
Onde foi e será sempre o primeiro !

Bemvindo sejas, nobre cavalleiro,  
 Artista esclarecido e portentoso!  
 Saudades veus matar? Sim veus gostoso  
 Abraçar este povo hospitaleiro.

Mas ah! que a sorte dura, a sorte impía  
 Com seu cruel poder te quer roubar  
 Á quem mais neste mundo te aprecia,

Á quem nunca deixon de te adorar:  
 Mas que espera gozar-te ind'algum dia  
 P'ra de novo o teu nome celebrar.

...

De que vale a leus pés o sceptro d'ouro,  
 A purpura dos reis, o throno, a gloria,  
 Se já tens o teu nome em nossa historia,  
 E p'ra ti cada dia é mais um touro?!

Se tens de genio a c'raa, alto thezouro,  
 Que não é como a purp'ra transitoria,  
 As vezes á passar sem na memoria  
 Deixar seu nome do seculo vindouro?

Eleva-te, gigante entre os actores,  
 Que teem no palco de Izabel brilhado  
 Entre chuvas de palmas, riso e flores.

Espera-te este povo entusiasmado  
 Á applaudir-te de *Pedro* nos amores,  
 Que inda mais te farão idolatrado.

*José de Souza.*

Ei-lo que agora entre nós o temos  
 Cheio de loiros e de glórias cheio;  
 Ei-lo que altivo, pressuroso veio,  
 Garboso e nobre entre nós o vemos !

Gratos hymnos d'amor, eia, entoemos  
 Em doce amplexo, em gostoso enleio,  
 Ao nobre artista de primores cheio,  
 Ao nobre artista que entre nós o temos !

Ao Deus do palco, poderoso, ingente,  
 Perfeito artista, eximio, soberano  
 Da scena brilho e da brasilica gente,

Ao nosso amigo, prestimoso ufano,  
 Da nossa scena o astro refulgente,  
 Ao nobre cavalleiro, heroe GERMANO.

*Por uma Pernambucana.*

—

A GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA;  
 Baro typo da Secca Brasileira.

Graças, graças a Deos, chegou Germano  
 As floriferas plagas de Vieira;  
 Da Scena Agua gentil, e prasenteira,  
 Do Palco do Brasil o Soberano.

Cada vez entre nós s'ostenta ufano,  
 Cheio de vida e gloria verdadeira;  
 Recebendo homenagem jsticeira  
 Do povo seu fiel Pernambuco.

Permitta o Céu piedoso, o Céu clemente,  
 Qu'esse forte terror do Guimarães.



Os nossos votos ouça docemente.

Os uivos desprezando de vis cães,  
 Entre nós sempre viva alegremente  
 P'ra triste confusão dos charlatães.

*M. R. P.*

---

POESIAS.

E' nobre o artista que atravez de invejas  
 Rompe altauro p'ra chegar á gloria,  
 Co'a crença nobre que só o genio inspira  
 Leva sen nome aos immortaes da historia.

E' nobre o fim, mas tortnosa a estrada  
 Que ao longe acena—n'um sorrir dourado,  
 Duros espinhos lhe bordeja a margem,  
 Por isso a poucos chegar lá foi dado.

Mas tu, Germano, que tiveste em sorte  
 O genio a estrella que ao porvir condiz...  
 Avante, artista, e no futuro um nome  
 Cheio de gloria brillhará de luz.

E agora, artista, que o dever te chama  
 Avante, avante, mas vem cedo aqui,  
 Sabes que deixas a saudade n'alma  
 Dos que na ausencia chorarão por ti.

---

Chegastes á terra que aprecia o merito,  
 Que ao grande artista sabe dar valor.  
 Bem vindo, ó genio; nossa scena espera-te,  
 Vem dar-lhe vida, animaçã, calor.

Do sul ás plagas visitaste ovante,  
Deixando a fama, que deixaste aqui;  
E iuda hoje o éco que accorlou teu nome,  
Por lá se escuta á reboar por ti.

Poder do genio! em toda a parte grande,  
Vê todo o povo se arrastar-lhe ao pé!  
Aqui martyrios, acolá triumphos,  
Descrença um dia, n'outro dia a fê.

Bem vindo sejas entre nós, bem vindo!  
Que a nossa scena vens trazer calor  
Acceita o brado que te envia o bardo,  
Que ao grande artista sabe dar valor.

18 de Março de 1859.

. . .

Á c'roa mimosa, Artista, que ostentas  
Não tive p'ra dar-vos se quer mua flor!  
Em canto buscava, não tive uma lyra,  
P'ra dar-vos não tive sequer um penhor!

Tentava, Germano, cantar-vos um hymno,  
E apenas do peito soltei um gemido  
No sólo deserto da mente obscura,  
Não tive um presente p'ra ser-vos rendido.

Apenas a prova de honroso respeito;  
Que a vós eu tributo, vos venho off'recer.  
Tão pobre e pequeno, quão grande o motivo  
Que vossa honrade só pode acolher.

É fraca homenagem, Germano, que deu-vos,  
De um pobre proscrito vem hoje render;

Ao lérdes perliã ser triste e singela,  
Que em meus rudes cantos, ousei estrever.

Março de 1859.

MANOEL SABINO DA SILVA.

---

THEATRO DE S. JANUARIO.

ULTIMO ESPECTACULO DA EMPREZA DO ARTISTA GERMANO.

Ha casos em que o silencio é em demasia culpavel. Quando por exemplo, os factos revelão uma verdade que se proenra negar, eis ahi um delles; e é por isso que pela nossa vez vamos fazer tambem de chronista contando o que vimos e o que dos olhos passou-se-nos para o coração.

Eis o que foi:

Annunciada para hontem a recita em despedida do actor Germano Francisco de Oliveira, teve com effeito lugar, apesar do tempo que durante todo o dia conservou-se pessimo; e, o que é mais, o pequeno theatro de S. Januario esteve apinhado do maior numero de pessoas que é possível acollher. Camarotes e platéa estavam litteralmente occupados, e muitos farão ns descontentes por se não podermos tambem accommodar em tão acanhado espaço.

E como não havia de ser assim quando se tratava do adeus de um artista perfeito e navalheiro na extenção da palavra? quando era o 29 a peça promettida e ansiosamente esperada?

A escolha da empresario não podia absolutamente ser melhor. Foi nessa comedia-drama que mais uma vez deixou-se elle traduzir em scena pelo artista consummado e seu orgulhosas pretensões. Foi nella que o veterano honrado e fiél á vontade de um morto, apresentou-se desde a primeira vez no palco de S. Januario; o prototypo da

honra e da dedicação de um amigo e subalterno; o soldado valente e agnerrido que já longe da mocidade e fóra dos combates sonha com aquella por amor destes; o velho pai, que, offendido na parte mais sensível de sua alma diante da filha transviada pelo impulso de amorosa inclinação repelle-a profundamente magoado e em desesperação; exprobra, humilde a principio, o seu offensor, porque sabe dever-lhe obediencia e respeito, e depois, no cumulo da dôr paternal, tudo esquece, desattende-o, salvando-o entretanto em segredo do suicidio e da infamia. Foi nella emfim que as differentes paixões postas em jogo pelo seu autor encontrarão fideiíssimo interprete. E dali a rigorosa obrigação em que nos achamos de dizer francamente que o Sr. Germano é e será o verdadeiro 29.

A primeira sahida do distincto actor a sociedade—Vinte nove ou honra e gloria—brindon-o, por intermedio de uma commissão para esse fim nomeada, com uma linda e importante corôa, acompanhando-a uma producção poetica e innumerous honquets; applausos e saudações lhe forão em seguida offerecidas.

A Sra. D. Manoella, essa mais que muito apreciavel actriz, foi tambem applaudida e mimoseada não menos entusiasticamente. Muito folgamos com isso, porquanto immensa parte lhe cabe no triumpho do 29.

Fiada a representção da peça, que geralmente satisfiz, o Sr. Germano dirigiu ao publico e aos seus amigos o monologo que passamos a copiar; foi como o inevitavel gemido da victima resignada de poncos, e um hymno de gratidão do artista predilecto de muitos.

«MONOLOGO OFFEREGIDO PELO ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA AO PUBLICO EM GERAL, E EM PARTICULAR AOS SEUS DEDICADOS AMIGOS, E POR ELLE RECITADO NA NOITE DE 4 DE MARÇO DE 1859.

«Inda mais uma vez, publico illustre,

Em vespervas sentidas de deixar-vos,  
 Neste momento nòto que em meu peito  
 Irresistivel sentimento impera.  
 Que incendiado por vós com provas tantas  
 D'espontaneos favores me arrebatá.  
 E', de certo, que a propria natureza,  
 Eterna professora, instrue, ensina,  
 Bem que em mudas lições a nossa mente  
 A bemcomprender submissa, humilhe,  
 Quantas, do coração graves palpites,  
 Varias idéas sem cessar exprimem.  
 O que pois ora sinto assaz entendo,  
 E muito galardão tenho em dizer-vos.  
 Qual sois, modesto, generoso e nobre,  
 Deixae desabafar-me, permittindo-me  
 Soltar dos labios a sincera phrase  
 —A vós, senhores, gratidão vos devo—

«As plagas do Janeiro, patria minha,  
 Não ha muito cheguei nas longas azas  
 Do fervido desejo de attestar-vos  
 Que de vós não me esqueço, que procuro  
 Os possiveis ensejos de tornar-me  
 Sempre digno de vós, e que agradar-vos,  
 Como ao publico em peso desta còrte,  
 Tenho por norte em minha vida artistica.

«Mas assim não tem sido: occultas causas  
 Meus esforços repellem, me deprimem  
 Gratuitos inimigos, cinmentos  
 Das affeições que despendeis comigo,  
 Que as mereço tão mal. Martyr me querem;  
 Mas Deus, que a tudo assiste, bondaloso  
 Um premio ás minhas intenções envia  
 Na vossa protecção, no vosso auxilio

Importante, eficaz.

«Se vós não fôreis,  
 Quem sabe se, enervado pelas dores  
 D'innúmera aggressão, não succumbira?!  
 Quem sabe se o meu animo abatido,  
 Deserente o coração, adeus p'ra sempre  
 A vós, amigos meus, vos não diria?!...  
 Só Deus o sabe: Deus, que excelso ileu-me  
 Em vossos beneficios forte escudo  
 Opposto aos projectis que irão quehrar-se,  
 Reflectidos, nas armas que o despedem.

«É certo que vos deixo entre saudades!  
 Que em poucos dias estarei bem longe!  
 Meí sagrados deveres me reclamão  
 A dar contas de mim; corro a presta-las,  
 A cumprir a palavra e compromissos  
 A que longe daqui estou ligado.  
 Oxalá que eu consiga, em digno accordo,  
 Tornar cavalheirosa e dignamente  
 Para junto de vós, máu grado a tudo!  
 São estes, crêde, meus ardentes votos.

«E quando sobre as oailas alterosas  
 Eu for caminho dessa amavel terra,  
 Onde habita esse povo hospitaleiro,  
 Que tambem desvelado penhorou-me  
 Muito, coufio, logrará minh'alma  
 Comvosca permutar agradecida  
 Fiel recordação:—Que mais, de longe,  
 Para quem, como eu, tanto vos deve,  
 Para quem, como vós, que sois credores?

«Ordenai sobre mim... Adeus amigos!  
 Mas antes de eu partir sabeí que um vivo,

Feliz presentimento me annuncia  
 Que será limitada a nossa ausencia.  
 Se o quizer, como espero, a Providencia.»

Estrepitosos vivas e applausos abafarão as ultimas palavras e mais outras poesias lhe forão dedicadas, todas ellas genuinas expressões de publica sympathia.

Chamado á scena (ao que attendeu o muito digno e condescendente Sr. juiz do theatro) repetirão-se ignaes manifestações de vivo enthusiasmo, apreço e contentamento.

No fim de todo o divertimento ainda forão justamente attendidas as freneticas reclamações que de novo geralmente se levantárão pelo seu reaparecimento.

Então subiu de ponto o enthusiasmo: grupos de amigos, affeiçãoes e conhecidos transpuzêrão a distancia que delle o separava, passarão da platéa para o tablado, e alli, entre mil adenses e felicitações, vimo-lo estreitalo em doce e arrebatador amplexo.

A hora eslva adiantada era força que nos retirassemos e o fizemos pezarosos; lá deixando ficar ainda o sublime quadro da amizade pagando o devulo tributo ao genio, ou por outra, o artista Germano completamente victoriado.

Terminamos esta succinta exposição observando que partirá segunda-feira para Pernambuco esse caro objecto de tão cordaes e merecidas orações. Consta-nos que varios circulos dos seus amigos preparãrão-se para ir ao seu horta-fóra. Tecemos-lhes os nossos louvores, e ao Sr. Germano desejamos uma feliz viagem e uma proxima volta.

Rio, 5 de março de 1859.

(Do *Correio Mercantil*)

#### O ASYLO DA INFANCIA.

AOS SRS. JOÃO MARIA FERREIRO LIMA E GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, QUE AVELLIDARAM ESTE PID INSTITUTO COM A AVELLADA  
 QUANTIA DE NOVECENTOS MIL REIS.

É noite; aquellas janellas

Esclarece-as branda luz;  
 O rumor, que são por ellas  
 Tem delicia que seduz.  
 Quem mora ali? essa frente  
 Qual rosto de penitente,  
 É severa a mais não ser;  
 Por acaso a castidade,  
 Fugida lá da cidade  
 Ali se iria esconder?

A lua que vêe caminho  
 Da estrada de ignoto céu,  
 Viu aquelle alberguesinho  
 E o seu giro suspendeu!  
 Falou-lhe? se a lua fala  
 O brilho da nova gala  
 Que agora deixa mostrar,  
 Deve ser phrase eloquente,  
 A que responde rev'rente  
 A luz do pobre solar!

Mensageira das alturas,  
 O que foi que viste ali?  
 Não dizes? essas doçuras  
 Que eguaes inda te não vi,  
 Trahem-te, oh lua, o segredo  
 Se absorto me vêes e quedo,  
 Sei teus risos traduzir.  
 Caminhas? vae mensageira,  
 A Deus conta prasenteira  
 Quanto acabaste de ouvir.

Diz-lhe lá que a orphandade  
 Ali se vêe hospedar;  
 E a maga caridade  
 Lhe vae o pranto enxugar.



Era inda lá pouco este solo  
 Vasto ermo onde o consolo  
 Não via o mis'ro sorrir;  
 Caiu-lhe orvalho sagrado,  
 E o torrão abençoado,  
 Essa flor viu logo abrir.

Este siugelo murmúrio,  
 Que a nós, lua, captivou,  
 São preces lá do tugurio  
 Por quem lh'a esmola enviou.  
 Olha, oh astro, lá no prado,  
 A florinha que ao sol nado  
 Exhala os perfumes seus,  
 Nunca tem tanta fragrancia  
 Como a oração da infancia  
 Eleva ao solio de Deus.

O Senhor ouvindo os rogos  
 Dos corações infantis,  
 Aos bemfeitores, seus fogos  
 Illuminam quaes rubis!  
 Quem vac no travor da taça  
 De que se alenta a desgraça  
 O grato mel espalhar,  
 Quaes astros do firmamento,  
 São do terraqueo armento  
 Pharoes d'alto scintilar.

Tu, que vens lá d'outras plagas,  
 Oh astro de tanta luz!  
 Duas aureolas magas  
 Não viste por Santa Cruz?  
 São na linda Pernambuco,  
 E o pranto á pobreza enxuto

É quem as faz refulgir;  
 Que as viste, diz o culeio  
 Com que paraste o passeio  
 P'rás vires cá reflectir!

Lá, dois astros de bouança  
 Oliveira, Lima são;  
 Cá, phanaes de confiança  
 A quem não se pede em vão!  
 As asyadas que os choros  
 Em doces festivos coros  
 Mudaram de gratidão,  
 'Stão dizendo qu'essas almas  
 Nas caritativas palmas  
 Só encoutram galardão!

E tu, oh lua, que ouviste  
 Esses córos infantis;  
 Que paraste e que sorriste,  
 Que farás, oh astro? diz!  
 Ah! . . . vaes á eterna morada  
 Ser dos dois advogada  
 Por ambos interceder;  
 Bem hajas, que os teus anhelos  
 E os d'estes anjinhos bellos,  
 Não de uidos mais valer.

É noute; aquellas janellas  
 Esclarece-as branda luz;  
 O rumor que sáe por ellas  
 Tem doçura que seduz!  
 Mora ali a pobre infancia;  
 São horas de n'essa estancia  
 Se entoar a oração;  
 Ouvir, que venha quem sente,

Como é solenne e cadente  
A tocante invocação!

30 de Novembro de 1858.

F. M. SEPICO,  
(Do Santelmo.)

AOS ILL.MS. SRs. JOÃO MARIA CORDEIRO LIMA E GERMANO  
FRANCISCO D'OLIVEIRA. \*

Caridade, sois um sonho  
Que ninguém ainda sonhou,  
Sois flor que ainda no mundo  
Casta e pura não brotou,  
Que o bafo da negra inveja  
Mal aberta vos tisonhou!

Sois oito letras gravadas  
P'lo Senhor no coração,  
Em alguns 'stão apagadas,  
Ai d'elles! Que fim terão?  
Dil-o as paginas da Biblia  
Tê as folhas do Alcorão!

Flor do Golgotha regada  
Pelo sangue de Jesus,  
Nascerieis d'uma lagrima  
Caida do alto da cruz?  
Oh sim! Que através das lagrimas  
A caridade transluz!

A rosa desfolha e pende,  
O lyrio esmorece e cãe,

\* Pelo acto de caridade que praticaram promovendo em Pernambuco uma récita theatral a favor do Asylo d'Infancia desvallida d'esta Ilha, e que produzio a avultada quantia de novecentos e quarenta mil reis insulanos.

A ventura tem espinhos,  
 Tarde vem e cedo váe,  
 Assim é a caridade,  
 Entra mal e logo sae !

Em poucas terras brotastes  
 Tão caudida e virginal,  
 Como ahi vos demonstrastes  
 Em terras de Portugal:  
 O Senhor Dom Pedro Quinto  
 E a prova mais real !

Aos confins do mundo inteiro  
 Extendeis a vossa luz:  
 Se na Europa e Asia brilha,  
 Na America seduz !  
 Olha como resplandece  
 Nas terras de Santa Cruz !

È que no Brazil saudoso,  
 Essa terra nossa irmã,  
 Aonde o sol é tão formoso  
 E a vida tão louçã,  
 Aonde a planta todo o anno  
 Sustenta o britho africano  
 Em todo o seu esplendor;  
 A caridade partilha,  
 Da terra de que é filha  
 Essa vida, britho e amor !

Quem foi que escutou o êcho  
 D'um brado que aqui se ergueu ?  
 Quem foi que em remotas plagas  
 Tão benigno o acotheu ?  
 Fostes vós, Lima e Oliveira,

Longe em terra hospitaleira,  
 Que escutastes nossa voz !  
 Dous nomes abençoados  
 Na terra e no céu gravados,  
 Lá por Deus,—aqui por nós !

Tu, Lima, o amor da Patria  
 Teu coração inflammou,  
 Mas a ti, ó Oliveira,  
 Que bom Anjo te guiou  
 Nesta senda sacrosanta  
 D'uma caridade tanta ?  
 —Foi a caridade só !  
 Proceder tão elevado  
 Que não fique sepultado,  
 No esquecimento e no pó !

Não, que as orphãs do Asylo  
 Erguem sua voz tambem,  
 E mil vezes abençoam  
 A esmola que de lá vem !  
 Teem vossos nomes lembrados,  
 Eternamente gravados  
 Em seus tenros corações !  
 E gratas a estes favores,  
 Pedem por seus bemfeitores,  
 Em ferventes orações !

San-Miguel—1858.

READ CABRAL.  
 (*Idem.*)



TRECHOS DA—SEMANA DRAMÁTICA.

FOLHETIM ORIGINAL DO JORNAL—COALIÇÃO.



PAPÉL DE PEDRO NO DRAMA PEDRO DE MENDES LEAL.

A acção de *Pedro* é simplissima. O homem de talento

em demanda da posição a que tem direito, e aguilhãoado pelo incentivo de um amor verdadeiro, é o primeiro personagem d'esse drama esplendido e cheio de idéas brilhantes. Situações originaes; dialogo sentimental, eloquente e espirituoso: caracteres bem sustentados e typos perfeitamente estudados são os elementos com que jogou o illustre poeta, que poz em evidencia uma das verdades proclamadas no seu trabalho—Quando se escreve com alma por força faz-se vibrar as almas.—O Sr. Germano (*Pedro*) desempenhou muito bem o seu papel; no primeiro acto esteve sublime de verdade quando em um extenso monologo a historia do seu amor e de suas aspirações.

Os monologos e apartes foram abolidos na mór parte dos dramas modernos, porque a escola realista, a escola da verdade, não admítte, por ser cousa desnatural, esses immensos soliloquios e nem essas phrases ditas em voz forte para todos ouvirem, menos os mais chegados ao personagem que as pronuncia. Portanto é esse um defeito no drama de Mendes Leal, defeito que acarreta grande difficuldade para o actor encarregado de certos papeis, onde vê-se obrigado a violentar a veracidade da scena com uma situação fóra da natureza.

Por isso admiramos muito a maneira satisfactoria porque sahio-se desse arriscado passo o Sr. Germano.

Na grande scena da declaração amorosa, a paixão trans-luzia-lhe no accento das palavras e na expressão dos gestos.

Todo o final do segundo acto foi magistralmente interpretado pelo illustre actor, e bem assim toda a magnifica tirada sobre a magestade da imprensa jornalística.

Quando ouvio a confissão de Maria no terceiro acto, mostrou-se perfeito conhecedor de todos os segredos da gesticulação e declamação.

## PAPEL DE JACQUES D'ALBERT NO ULTRAGE, DE BAUMIERE.

O Sr. Germano colheu um assignalado triumpho; a plateia arrastada e dominada por elle, rompia em applausos tão merecidos quanto espontaneos.

A mobilidade de sua phisionomia na grande scena no quarto acto com Raymundo de Brives; a maneira porque tão naturalmente as feições se lhe decompozerao e elle deixou-nos ler o que se passava em sua alma, quando Helena lhe revela tudo: todos esses transportes elevarão-no a uma altura a que poucos artistas tem chegado.

Quando febril e auciado elle recua sem poder beijar a esposa, por isso que entre elle e ella existe o terrivel *ultraje* que elle não pode esquecer, nessa scena difficilissima, o Sr. Germano esteve admiravel, trabalhou com verdade e sentimento, esqueceu-se dos espectadores, despio-se da preoccupação de que dava-se em espectaculo perante um publico: foi finalmente Jacques de Albert em toda a sua naturalidade. O eminente artista encontrou gestos e inflexões de uma verdade dramatica indescriveis. Brillou.

## PAPEL DE JORGE MAURICIO NO DRAMA MARIUCHIRO DE S. TROPEZ.

O caracter de Jorge Mauricio, tão difficultoso de ser exprimido na scena, e que foi na França por muito tempo a criação mais sublime do grande Lamaitre, servio tambem para o mais assignalado triumpho do Sr. Germano, que n'este drama merece ser estudado.

Innumeras são as occasiões em que Jorge Mauricio arrebatou os espectadores, que o esentão; são porem dignas da menção mais especiaes—a scena do terceiro acto com Hortenciã, quando mostra-lhe a carta escripta por ella e convulsivo, com a palavra incisiva e arrebatada, exproba-lhe a falla bruscamente. Quando ouve a declaração do

doutor e sabe que os seus mellicamentos estão envenenados; quando vê no espelho a acção assassina de Antonio Caussade (e é o melhor momento do drama) e por ultimo a justificação que faz da esposa n'aquellas derradeiras palavras murmuradas a extorcer-se nos paroxismos da morte.

O Sr. Germano já tem n'este mesmo papel recebido os mais vivos applausos do nosso publico, do do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, portanto nada podemos acrescentar, senão que justificou ainda mais esses applausos, que forão bem repetidos na noite do dia 18. O Sr. Germano foi chamado a scena por tres vezes.

---

PARTE DE JOSÉ SILVESTRE NO DRAMA POBRESA ENVERGONHADA.

No papel de José Silvestre o Sr. Germano foi o mesmo Germano dos dias de triumpho. A mordacidade, o epigramma e o despeixo da phrase, sempre que se dirige a João Rodrigues, é tudo comprehendido muito bem pelo excellente actor. Todo o trabalho do quarto acto, aquella grande scena da entrevista no casebre do mendigo, foi o melhor possível, sendo que algumas palavras forão ditas pelo Sr. Germano com um tom de voz realmente inimitavel.—O—*acho-lhe graça*—quando João Rodrigues o chama de assassino e o—*tratante*—com que feixa o quarto acto, são seguramente mui bem pronunciados. A maneira porque estava caracterizado o Sr. Germano quer no prologo, quer nos actos do drama era de produzir a mais suhida impressão. No prologo quando recostado na secretaria ouve José Silvestre a narrativa do maritimo, o Sr. Germano estava interessado pela scena e ouviu a conversação dos dous com a perfeição dramatica de um consumado actor.

N'esses papeis joco-serios o Sr. Germano é eximio e para prova ahí estão tantas creações n'esse genero com que



o eminente actor se tem immortalisado, remindo à sua corôa de artista tragico mais um florão que lhe dá essa outra especialidade artistica.

---

PARTE DE IMBERT NO DRAMA SUSANA.

O Sr. Germano desempenhou o papel de Imbert com todo o brilho e sublimidade. Quer nas explosões do desespero, quer na dor mitta e resignada ou nas occasiões em que, com a palavra pungente, dirige-se a mulher adúltera com acrimonia e invectiva; em todos esses momentos elle foi sempre o mesmo artista de raro talento que todos admiramos.

Em todos os sinaes dos actos o Sr. Germano esteve de um pathetico maravilhoso.

---

PARTE DE JOCELYN NO DRAMA O MARINHEIRO DA MARTINICA.

A interpretação do caracter de *Jocelyn*, foi pelo Sr. Germano um prodigio de habilidade. O eminente artista soube apartar-se tão bem do *Manoel Escota*, deo tanta nobreza e gravidade ao papel do marinheiro da Martinica, que a linha divisoria entre este e o marujo da *Probidude* foi bem determinada e não houve a menor confusão.

O *Manoel Escota* franco, bonanchão, fazendo rir pelo seo modo alorçado e pela ingenuidade do seo dizer e *Jocelyn* sisudo e rude, brusco mas sempre grandioso, e severo forão duas lindas creações do artista, que nos fez admirar esses personagens.

E' impossivel haver nada mais bem executado do que todo o trabalho do Sr. Germano no quarto acto do *Jocelyn*.

A profunda convicção com que o marinheiro desmente o seo almirante quando este conta a acção criminosa de

Eduardo; aquelle desalinho da frase, a sombria poesia com que não quer crer na verdade, embora esta bem demonstra: a tragica expressão com que promette que a morte do criminoso coroará a sua vilania; finalmente a acerba agonia que tão bem ressumbra n'aquella explosão com que falla e descreve do seu filho querido, tudo isso forão fortes motores que determinarão os prolongados applausos com que era victoriado o artista, applausos começados a meia voz e que depois se elevarão a um vivo sussurro de satisfação até levar a platea a proromper em bravos geraes e estrepitosos.

Toda a scena com Eduardo, logo em seguida á conferencia com o almirante, o olhar investigador com que cobre o filho quando o interroga; aquelle dito solemne á offerrecer-lhe a mão para que este aperte e falle com lealdade; o grito de desespero quando ouve a confissão criminosa, enfim aquelle movimento involuntario que o obriga a tirar a pistola do alvo, escutando a detalhada explicação de Eduardo; n'esses difficeis momentos o Sr. Germano esteve grande e admiravel.

Quem o visse estorcer-se de dor quando é ferido no ultimo acto, ou quem o contemplasse desesperado por ter-se compromettido com um juramento que o fazia calar, quem presenciasse tão bellas scenas não recusaria palmas e coroas ao distincto actor.

O Sr. Germano acompanhou as intenções do auctor do drama, advinhou-as, foi adiante d'ellas.

---

#### PARTE DE MANOEL ESCOTA NO DRAMA A PRIORIDADE.

O Sr. Germano trabalhò magistralmente, e no desempenho de um papel como o de *Manoel Escota*, cheio de particularidades de tão difficil execução, não era possível ter-se melhor éxito do que aquelle que obteve o distincto

actor. A jovialidade sincera do marinheiro, aquelle character franco e aberto, foi interpretado perfeitamente desde a maneira singela de falar até na transformação e mudança do rosto e movimentos.

O Sr. Germano esmerou-se em reproduzir o typo com todas as suas minuciosidades e apropriados detalhes, de forma que o balançado do corpo no andar, a maneira de ter os braços e accionar tudo era completo e verdadeiro. Na scena final do prologo, Manoel Escota, produziu grande sensação pelo modo porque, grave e em um verdadeiro raptio de enthusiasmo e sentimento, adopta por sua a filha do judeo; na mesma forma no final do segundo acto, a turbacão hem figurada do marinheiro, a sua tocante emoção quando declara a Guilhermina que Adelia é sua filha, aquellas palavras cheias de soluços e ditas syllaba por syllaba com o mais seguro gesto de sentimento, forão de um pathetico tão grande, que sómente esse instante dramatico fôra bastante para celebrar o artista que tão bem o comprehendesse.

A chegada de Manoel Escota em casa de Guilhermina, o encontro com a filha e sobretudo quando reconhece a Henrique Soares e a Nogueira, em todas essas occasiões o Sr. Germano esteve grande e admiravel, sendo que alguns ditos do drama forão pronunciadados tão maravilhosamente, que só por elles se poderia aquilatar o talento do artista que os dizia. Finalmente o Sr. Germano nada deixou a desejar e não precisamos para exprimir a nossa admiração dessas longas tiradas de adjectivos laudativos e de pontos de admiração, pois como bem diz Lopes de Mendonça— as reputações feitas discutem-se e são julgadas com simples laocouismo.

---

PARTE DE D. CESAR NO DRAMA CESAR DE BASAN.

O Sr. Germano no papel de protagonista, não é uma

novidade para nós. O cambalear do primeiro acto; a provocação tão cheia de fanfarronados que D. Cesar dirige ao capitão das guardas; o seu philosophimo epicurista quando conversa com D. José; aquella emphase risível com que declama contra os villões e os seus credores, a imperturbabilidade de que se reveste na sua última hora de vida; tudo é feito sem exaggeração e com o melhor e o mais franco desembaraço.

O Sr. Germano poderia, se quizesse, fazer mais bravatas de espadachim n'essas scenas, porem preferio dar ao papel o seu verdadeiro valor. D. Cesar é não um palhaço, e portanto não deve prestar-se as exigencias ridiculas de certos expectadores que querem gargalhar a todo o transe. O Sr. Germano, assim como Booth, o grande actor inglez, sem duvida que uma das cousas que mais teme e menos deseja, é a admiração e os applausos dos tolos.

---

PARTE DE ARMANDO DUVAL NO DRAMA A DAMA DAS CAMELIAS.

O Armando Duval feito pelo Sr. Germano é nma parte isempta da menor censura. Em todas as scenas o eminente actor confirmou a sua alta reputação e, tanto na propriedade dos acionados, como no jogo mnscular da phisionomia e tom apropriado da declamação, elle sempre foi o mesmo artista applaudido e festejado pelo publico. No final do quarto acto o Sr. Germano portou-se magnificamente.

---

PARTE DE ROQUELAURE NA COMEDIA O HOMEM MAIS FEI DA FRANÇA.

Deveriamos a respeito do trabalho do Sr. Germano, na parte de *Duque de Roquelaure*, contentarmo-nos com a repetição de que disse o distinto Sr. Mendes Leal quando o vio representar esse mesmo papel no theatro do Gym-

nasio em Lisboa. Resumidamente, porem, affirmamos que na alta comedia não se pode trabalhar melhor.

A figura do duque, os gestos e, mais que tudo, a finura com que dizia o Sr. Germano aquelles ditos tão engenhosos foi excellente na mais lata expressão da palavra. A scena do encontro com Verpignon no segundo acto e todo o monologo que a antecede, destacou-se das mais como muito primorosa.

---

PARTE DE BERTRAND NO DRAMA MARTA JOANNA.

O Sr. Germano trabalhou como mestre na parte de Bertrand; o final do primeiro acto foi um primor. Tanto essa meia embriaguez, arrebatamentos e modos brutos com a noiva; como o combate no segundo acto com o seu bom e máo anjo, Maria e Remy, accitando ora os conselhos de um, ora os do outro, forão scenas bem comprehendidas e postas em prática muito bem. Quando nas ultimas situações do drama, Bertrand vê-se rehabilitado e já homem de bem, o trabalho do artista é sempre o mesmo, cheio de força e verdade. Teve um bello desempenho esse papel e não é debalde que o considerão uma das melhores creações do Sr. Germano.

---

PARTE DE FERNANDO NO DRAMA O MOSTEIRO DE S. TIAGO.

A execução correu satisfactoriamente. No primeiro e segundo acto o papel de Fernando é pouco interessante, entretanto o Sr. Germano exprimio bem a duvida e anciedade de que se achava possuido ante o mysterio com que se envolvia a sua desconhecida amante.

O final do quarto acto foi um verdadeiro triumpho para Fernando, a luta entre a vergonha e o amor esteve ma-

gistradamente sustentada. e a explosão do desespero traduzio-se bem na inflexão da voz e no desordenado dos movimentos. Todo o ultimo acto, porem, foi dicto de uma maneira arrebatadora: quer na allucinação do delirio, quer no desespero de suas amargas rememiscencias, Fernando, esteve maravilhoso. E quando elle vê Leonor inanimada a seus pés, o grito estridoroso que arranca, a passagem para o desvario, o cavernoso da voz, o sombrio do olhar e do aspecto, são lances de verdadeira inspiração, são transportes impossiveis para todo aquelle que não for um consumado artista. De uma parte tão seca e arida, parece inverivel ter-se tirado tão grande partido. O ultimo acto salva o drama, porque no ultimo acto o Sr. Germano foi a tragedia em toda a sua sublime escaandecencia.

